

Os Critérios de Tradução Adotados

Esta seção foi dividida em três eixos, que, embora interligados, serão apresentados em separado:

- I) Os traços semânticos que atravessam o texto de Freud.
- II) A terminologia freudiana.
- III) Os aspectos estilísticos do texto de Freud.

Ao final da seção utilizaremos a tradução de um pequeno trecho retirado do artigo “O Recalque” (1915) para ilustrar nosso método de trabalho.

■ I — Os traços semânticos que atravessam o texto de Freud

Conforme já mencionado, uma tarefa que demandou muito de nosso esforço foi elaborar um método para trazer ao leitor as mais importantes dimensões *semântico-conceituais* presentes na obra de Freud. Para tal procedemos em três etapas: 1) Inicialmente abordamos a dimensão *semântico-conceitual* no âmbito da própria palavra (analisando as peculiaridades da relação entre a palavra alemã e o conceito psicanalítico que ela designa). 2) Em seguida analisamos as cadeias de palavras que no idioma alemão pertencem a um mesmo grupo semântico e que formam “tramas” ou *Leitmotive*, ou fios condutores, que atravessam a obra de Freud e que na passagem ao português se desfazem. 3) Ao final superpomos essas diferenças semân-

ticas do português e do alemão à rede conceitual freudiana e avaliamos o impacto dessas diferenças semânticas sobre a compreensão teórica.

Sempre que julgamos que o resgate da dimensão semântico-conceitual contribui para a compreensão teórica do texto freudiano, procuramos introduzir novas soluções de tradução, ou, quando isso não é possível, criamos notas explicativas.

Começamos abordando, portanto, a dimensão *semântico-conceitual* no âmbito do próprio termo, ou seja o que interliga *a palavra ao conceito* que ela designa.

1) Aspecto semântico-conceitual da palavra

Embora não exista o termo isolado e toda leitura sempre esteja interligada a um contexto, podemos artificialmente circunscrever o que está implícito no termo, isto é, abordar o que, devido à memória lingüística coletiva de um grupo cultural, fica atrelado a um termo quando o escutamos em determinado contexto (por exemplo, em português, termos como “perfumado” e “sinistro” evocam coletivamente certos sentidos denotativos e conotativos imediatos). Freud frequentemente se serve de uma linguagem muito corriqueira e expressiva, empregando palavras que remetem a associações coletivas que os falantes do alemão têm em comum quando escutam certas palavras. Por exemplo, o termo *Drang* geralmente foi traduzido para o português por “pressão”; entretanto, em alemão, o termo também tem a acepção de “ânsia”, “afã”, “urgência”, “anseio”, “ímpeto” e “desejo intenso”, e evoca sentidos que vão além de “pressão”. Ao se perderem esses nexos geralmente agregados ao termo *Drang*, que tal como “ânsia” em português unifica em uma mesma palavra a polaridade entre a “necessidade” e a “pressão” de um lado e a “vontade” e o “anseio” de outro — portanto, que interligam a conotação de “urgência” e “desconforto” com as conotações de “busca de alívio” e “desagudouro” —, perdem-se aspectos teóricos fundamentais deste termo enquanto conceito teórico. Freud afirma ser *Drang* a essência da pulsão, e de fato é o *Drang* que promove a ligação entre o somático e o psíquico no percurso da pulsão. Esses sentidos já existiam antes do surgimento da psicanálise, trata-se de um uso implícito e dicionarizado. Entretanto, o termo “pressão” é quase um anônimo na psicanálise de língua portuguesa, ficando relegado a uma posição teórica secundária, e é possível que parte da pouca importância conceitual de *Drang* esteja ligada ao esmaecimento de diversos de seus sentidos denotativos e conotativos. Outro fator que provavelmente contribuiu para o papel secundário do termo se refere à ausên-

cia de uma leitura contrastiva, tema que será retomado adiante. O mesmo tipo de esmaecimento ocorre com muitos outros termos que em português passam despercebidos, tais como “estímulo” (*Reiz*) ou a palavra “incompatível” (*unverträglich*), entre outros.

A segunda dimensão semântico-conceitual que levamos em conta em nosso trabalho refere-se às tramas que *interligam semanticamente as palavras alemãs entre si*, interconectando também os *conceitos* psicanalíticos. Trata-se das tramas que atravessam os textos internamente e perpassam a obra, repetindo-se em diversos textos, portanto, das relações intra e intertextuais, quase que *Leitmotive*. Esse tipo de trama é fundamental para a leitura e o estudo da obra de Freud e pode ser subdividido em duas categorias, que denominamos tramas *enfáticas* e tramas de *articulação*.

2) Tramas enfáticas

Trata-se de um recurso habitual em textos de prosa utilizar-se de tramas enfáticas quando se pretende reforçar um ponto de vista. Nesse caso, satura-se de sentido uma determinada idéia, não só repetindo certas palavras, mas também convocando outras que circunscrevem a mesma idéia. Utilizam-se então termos que em dado contexto se equivalem, formando quase que “cascatas” ou “blocos” de palavras que demarcam uma idéia-força. Por exemplo, em um texto psicanalítico qualquer em português, poderíamos empregar palavras tão diferentes entre si, como “*afetivo*”, “*emocional*”, “*emotivo*”, “*sentimental*”, “*irracional*” e “*impulsivo*”, como se pertencessem à mesma família conceitual e formar um bloco de termos para reforçar a idéia de que os “afetos” são essencialmente diversos da “razão”. Por exemplo, na frase fictícia abaixo:

“Predominantes na infância, nossos aspectos *afetivos*, nossa vida *emocional*, nosso lado *emotivo* e *sentimental*, enfim, tudo o que é *irracional* e *impulsivo* sobrevive no adulto, entrando em conflito com a mente *racional*, *intelectual*, o *autocontrole* consciente, enfim, com a *consciência* mesma e com o *pensamento lógico*”,

fica claro que a utilização dos termos é pouco rigorosa e serve mais para saturar de sentidos uma determinada idéia-força e que as palavras “*afetivo*”, “*emocional*”, “*emotivo*”, “*sentimental*”, “*irracional*” e “*impulsivo*” aqui se comportam como se

fossem equivalentes e se contrapõem ao grupo de palavras “*racional*”, “*intelectual*”, “*mental*”, “*autocontrole*”, “*consciência*”, “*lógica*” e “*pensamento*”. Também Freud, como qualquer autor, se serve constantemente desse recurso, agrupando termos que reforçam uma única idéia. Contudo, como a rede semântica alemã é diversa da portuguesa, essas conexões se alteram na tradução, levando a distorções de sentido relevantes. Por exemplo, *Trieb* (pulsão), *Lust* (prazer), *Drang* (pressão), *Reiz* (estímulo), *Zwang* (obsessão, compulsão) e *Energie* (energia) podem equivaler-se e estão até mesmo dicionarizados como eventuais sinônimos de tudo o que espicaça e impele ou coloca em movimento, e, por vezes, Freud os emprega como sinônimos quando deseja enfatizar aspectos impelentes do psiquismo e contrapô-los às defesas psíquicas. Entretanto, algumas dessas palavras em outro agrupamento, por exemplo, *Trieb* (pulsão), *Drang* (pressão), *Bedürfnis* (necessidade, carência), *Wunsch* (desejo) e *Vorstellung* (representação), também são utilizadas por Freud como eventuais sinônimos quando enfatizam um pólo oposto ao impelente, isto é, quando enfatizam a meta da pulsão, o pólo atrator. Quando se perdem esses nexos, muitos trechos teóricos da obra de Freud ficam obscuros e parece que o autor está mudando abruptamente de tema, ou que está se contradizendo, ou ainda que está dando usos diferentes e particulares aos termos. Assim, por exemplo, a alternância que Freud faz entre *Schaulust* e *Schaulust* (“pulsão de olhar” e “prazer de olhar”) nada mais é do que um modo de alternar dois termos que em alemão podem ser equivalentes, *Trieb* e *Lust*: ambos podem ter a acepção de “vontade” ou “disposição”, e na verdade *Schaulust* deveria ser traduzido como “vontade de olhar”, bem como poderia ser indicado em nota ao leitor que em alemão *Lust* e *Trieb* podem ser sinônimos em determinados contextos. Portanto, na medida em que essenexo se alterou na passagem de um idioma a outro, optamos por sempre informar o leitor a respeito.

3) Tramas de *articulação*

Quando um autor quer sistematizar seu pensamento, ele necessariamente lança mão de tramas de *articulação*, que articulam os termos entre si pelas *diferenças* de sentido (portanto, inversamente às tramas enfáticas organizadas pela *semelhança*). Por exemplo, a trama enfática mencionada no exemplo hipotético citado (composta, em português, pelas palavras *afetivo*, *emocional*, *emotivo*, *sentimental*, *irracional* e *impulsivo*) pode ser transformada numa trama de *articulação*. Imaginemos, portanto, que nesse texto fictício o autor se propusesse fundamentar e justificar uma teoria sobre *afetos e razão*. Nesse caso encontraríamos trechos em que o

autor categorizaria, classificaria e conceituaria os termos. Agora as palavras antes tratadas como equivalentes passariam a ser definidas a partir dos aspectos que as diferenciam entre si. Poderíamos talvez encontrar frases como, por exemplo:

“O *afeto* é a categoria mais ampla e contém as subcategorias *emoção* e *sentimento*; quanto aos aspectos *irracional* e *impulsivos*, na verdade não pertencem à categoria dos *afetos*, são apenas qualidades e quase que exclusivamente atinentes à *emoção* e raramente estão presentes nos *sentimentos*.”

Como se nota a partir deste exemplo fictício, quando um autor cria *tramas de articulação* entre os conceitos, suas descrições se tornam mais complexas e surge uma sistematização teórica que fundamenta o que no momento anterior era apenas uma contraposição geral de dois blocos ou duas tendências, e com frequência o autor corrige e especifica noções anteriores. O que antes eram quase que aglomerados de palavras, quase que “cascatas”, agora é dissecado e tratado com maior discriminação. Freud constantemente se serve também desse segundo gênero de trama, diferenciando rigorosamente palavras que em parágrafos anteriores eram tratadas como equivalentes — por exemplo, em determinado parágrafo diferenciando *Trieb* (pulsão), *Drang* (pressão), *Bedürfnis* (necessidade, carência), *Wunsch* (desejo), *Vorstellung* (representação) e *Affekt* (afeto), para alguns parágrafos adiante novamente tratá-los como equivalentes. Em casos assim, optamos por alertar o leitor de que não se trata de confusão, ou falta de rigor, ou de um uso exclusivo e particular de Freud, mas de uma mera alternância entre tramas enfáticas e de articulação, como ocorre em qualquer idioma.

Em nosso próprio idioma materno nem nos damos conta da presença do constante e natural trânsito entre os dois tipos de trama, a *enfática* e a de *articulação*; contudo, na tradução, os dois tipos de trama podem sofrer um esgarçamento, resultando em sutis deslizamentos de sentido que, como mostraremos, levam a importantes dificuldades de entendimento. Ainda utilizando os exemplos fictícios citados, ao leitor que domina o português parecerá óbvio pelo contexto que, quando utilizados na trama enfática, *afeto* e *impulso* podem equivaler-se, e também que a palavra *afeto* não está sendo utilizada na acepção de *carinho* ou *amor*. Todavia, ao se traduzir essa trama para o alemão, poderiam surgir pequenos mal-entendidos, a começar pelo termo *Affekt*, que tende a ser entendido como “excesso de emoção”, “descontrole emocional”.

Uma vez definido o que entendemos por dimensão semântico-conceitual tanto no âmbito do termo unitário como no âmbito do fluxo de texto (as tramas enfáticas e as tramas de articulação), cabe agora indicar como identificamos e sele-

cionamos as tramas que consideramos relevantes. Para tal utilizamos três recortes de leitura, superpondo um ao outro: uma leitura semântica contrastiva, uma leitura dos recursos estilísticos empregados por Freud e uma leitura levando em conta os aspectos teóricos que Freud enfatiza em seu texto. Servirá de exemplo de como aplicamos estes três recortes a relação entre as palavras *Reiz* (estímulo) e *Trieb* (pulsão ou instinto):

A) O primeiro recorte abarca os aspectos semânticos que interligam os conceitos enquanto *palavras*. Há vários modos de relacionar as palavras entre si: elas podem ser relacionadas por seus significados semelhantes, por terem significados opostos, por possuírem radicais em comum, por conterem conotações complementares etc. Por exemplo, em alemão, as palavras *Reiz* (estímulo) e *Trieb* (pulsão) possuem ambas um sentido de transitividade entre o prazer e o desprazer, evocam duplamente a sensação de algo atraente que desperta um apetite e também de algo torturante que se impõe. Essas características polarizadas entre o desagradável e o agradável não estão presentes nas palavras “estímulo”, “pulsão” e “instinto” em português.

B) O segundo recorte de leitura aborda recursos semânticos e estilísticos que Freud utiliza para ressaltar determinados aspectos. Procura-se por uma recorrência no uso de certas imagens ou expressões. Portanto, não basta um uso ocasional, é necessário que em vários textos — ou repetidamente num mesmo texto — se destaquem claramente, por meio de verbos, advérbios e adjetivos, certas características no estilo de Freud que interligam os termos. Por exemplo, em uma leitura mais literária do texto de Freud (sem entrar ainda na esfera da teoria psicanalítica), salta à vista que ao longo da obra *Reiz* e *Trieb* são utilizados ora em conexão com adjetivos de dor, medo, incômodo, fuga (na vertente do desprazer), ora em relação a adjetivos agradáveis e ligados ao desejo (na vertente do prazer).

C) Finalmente o terceiro recorte de leitura se dirige aos aspectos conceitual-psicanalíticos que inter-relacionam não mais as palavras, mas os conceitos, agora sim na esfera da teoria psicanalítica. Por exemplo, ao longo da obra freudiana *Trieb* e *Reiz* são tratados ora como equivalentes (sinônimos), ora como elos diferentes de um mesmo processo (o brotar e o manifestar-se da pulsão), sendo objetos de análises detalhadas de Freud a respeito da circulação pulsional no aparelho nervoso e psíquico e, muito importante, elementos centrais na relação entre quantidade (intensidade) e qualidade (afeto de prazer e desprazer), relação nuclear da teoria psicanalítica e que ocupa um lugar central na obra de Freud desde o “Projeto para uma Psicologia” (1895) até seus últimos escritos.

Cada um dos três recortes de leitura é necessário, mas não suficiente:

Se o primeiro recorte (leitura dos aspectos lingüísticos que interligam os conceitos enquanto *palavras*) fosse utilizado isoladamente, apenas indicaria uma regularidade e coincidências lingüísticas quaisquer. Sempre se encontrarão coincidências entre determinados aspectos das palavras (sonoridade, raiz, etimologia, conotação). Por exemplo, *Versagen* (fracasso) e *Versagung* (interdição, bloqueio, proibição) possuem o mesmo radical, *sagen* (dizer, falar), e o mesmo prefixo, *ver-* (ir adiante, continuar, processar, fechar, extinguir). Contudo, sem uma indicação de uso freudiano dos termos apontando para determinadas relações, não seria possível fazer inferências sobre o texto alemão apenas a partir de meras regularidades lingüísticas encontradas entre as palavras. Estaríamos no campo da livre associação. Portanto, quando se apresentam nas notas e comentários as interligações entre palavras, não se trata de abrir conexões e sentidos, fornecendo aos leitores acesso às múltiplas redes associativas possíveis entre as palavras. Esse tipo de jogo remete a um sistema em que qualquer relação que se estabelecesse seria válida. Tampouco se trata do fenômeno, tão bem descrito na teoria lacaniana da linguagem, do interminável deslizamento possível de significantes e significados. Quando na presente tradução se inter-relacionam os termos — por exemplo, os aspectos provocativos e impelentes comuns a *Trieb* e *Reiz* —, trata-se das relações mais freqüentes, encontradas em dicionários e no uso cotidiano.

O segundo recorte (aspectos estilísticos) revela uma tonalidade que perpassa o texto; contudo, empregado por si só (sem a simultânea validação do primeiro e terceiro recortes de leitura), estaria apenas apontando para cacoetes de estilo, lapsos do autor, recorrências inconscientes etc. Por exemplo, o mero fato de Freud utilizar uma terminologia mais calcada em termos germânicos do que em termos greco-latinos não é suficiente para indicar uma linguagem psicanalítica mais humanista e menos “técnico-médica”. É necessário que, além de uma comparação com textos alemães psicológicos e médicos da época, se faça uma busca de comentários de Freud a esse respeito, para que não se tirem conclusões apressadas a partir das primeiras aparências.

Finalmente, o terceiro crivo de leitura (as conexões psicanalíticas), alienado dos outros dois, revelaria tramas lógico-teóricas, mas não as tramas temáticas e semânticas do alemão. Uma leitura que, por exemplo, articulasse, do ponto de vista teórico, a relação entre “compulsão”, “repetição” e “transferência”, apesar de teoricamente relevante e claramente presente na teoria freudiana, não estaria abordando um problema derivado da tradução. Não se trata de uma conexão que apareça no texto alemão de forma diferente daquela com que aparece no português e que tenha permanecido oculta ou enfraquecida no nosso

idioma. Seria um trabalho teórico de interpretação e problematização, mais adequado ao texto de um comentador, não a uma nota de esclarecimento do tradutor. As notas e comentários visam apenas a aproximar o leitor de importantes aspectos da teoria e clínica freudianas que permaneceram retidos no texto alemão devido aos limites intrínsecos à tradução, daí a necessidade metodológica de operar com aquilo que está recorrentemente explicitado no texto. Portanto, somente onde foi possível fazer as três leituras convergirem simultânea e *repetidamente* ao longo da obra, foi considerado legítimo identificar um *Leitmotiv* freudiano, uma trama teórico-temática. Assim, a regra seguida foi apoiar-se em ocorrências numerosas, recorrentes e suportadas simultaneamente pelas três grades de leitura.

Apesar de cada uma dessas três grades de leitura pautar-se pela pesquisa direta sobre o texto de Freud e avançar sempre aberta a incorporar observações inesperadas, não seria possível conduzir tal investigação sem ter selecionado previamente pontos específicos a focalizar e, mais importante, sem constatar se os mesmos efeitos ocorrem no nível da *recepção* do texto. Para tal, foram fundamentais as discussões sobre as diferenças de entendimento entre leitores alemães e brasileiros. Estas permitem verificar até que ponto determinadas conotações distintivas do termo são ou não evocadas para o leitor alemão, bem como se há para o leitor brasileiro dificuldades de entendimento devido a diferenças de polissemia e conotação. Por exemplo, verificamos que há uma tendência a se compreender no texto freudiano em português a palavra “elaborar” como significando “aperfeiçoar”, “pensar mais a respeito”, “integrar afetos e idéias antes negados”, ao passo que o termo correspondente no texto alemão, *verarbeiten*, se refere a “processar” na acepção de “transformar”, “digerir”, eventualmente “dissolver”. Esse tipo de diferença semântico-conceitual tem implicações decisivas e abrange vastas áreas da teoria e prática clínica freudianas, levando a perdas de nexos importantes. Claro que para desenvolver tais relações entre os termos e temas freudianos é necessário guiar-se por uma concepção teórica da obra que leve em conta o conjunto do pensamento de Freud e a evolução conceitual pela qual determinados termos passaram, e nesse sentido é fundamental apoiar-se sobre as pesquisas e contribuições teóricas das diversas escolas de psicanálise.

4) Exemplo aplicado

A seguir o leitor poderá acompanhar, por meio do exemplo da palavra *Erfüllung* (realização), a maneira como procedemos para estabelecer tais redes ou tramas.

A) *Leitura contrastiva*

Listemos inicialmente os possíveis significados da palavra *Erfüllung* em português: “realização”, “satisfação”, “cumprimento”. Veremos então que “realizar” no sentido de “tornar realidade” (realizar um desejo), “satisfazer” na acepção de “corresponder” (satisfeza uma expectativa) e “cumprir” (cumprir com uma obrigação), em alemão, seriam todos expressos pelo verbo *erfüllen*. Cabe também destacar que, em alemão, *Erfüllung* se liga conotativamente à realização de desejos, sonhos, expectativas, pedidos, ideais e ao ambiente da fantasia, dos contos de fada etc. Ainda assim, possíveis confusões poderiam se instalar se adotássemos como tradução qualquer destes termos, pois “realizar”, “satisfazer” ou “cumprir”, lidos em português, mesmo inseridos no contexto freudiano, tenderiam a deslizar para outros sentidos contíguos, deixando o leitor confuso. Assim, por exemplo, poderíamos entender “realizar” na acepção de “fazer”, de “ter capacidade de ação” (realizar uma boa gestão), ou “satisfação” na acepção de “gozo” ou de “fruição” (satisfazer desejos mais imediatos ligados à vontade, à sofreguidão, ao desejo sexual), ou compreender o termo “cumprir” na acepção de “manter a palavra” (cumprir uma promessa). Esses três sentidos se encontram bem afastados da conotação mais imaginária e ligada a expectativas, próprias de *Erfüllung*. Numa leitura contrastiva partindo do inglês, possivelmente essa característica passaria despercebida, pois *fulfillment* tem uso semelhante a *Erfüllung* e seria encaixado pelo leitor do inglês de forma “natural” no fluxo do texto. Os termos *Erfüllung* e *fulfillment* têm emprego mais restrito em alemão e em inglês do que seus sinônimos em português, e estão mais ligados ao imaginado e ao esperado. Resta-nos agora verificar se Freud faz uso dessas peculiaridades do termo e se isso tem algum impacto na leitura teórica.

B) *Leitura levando em conta aspectos estilísticos e temáticos*

A leitura mais atenta a aspectos estilísticos e temáticos volta-se para o texto de Freud buscando evidências de que ele emprega o termo para enfatizar determinado aspecto, formando certas “tramas”. Procura-se então por verbos, adjetivos e substantivos associados a *Erfüllung*, bem como se levam em conta os contextos recorrentes em que Freud emprega a palavra. Tal leitura apontaria, entre outras coisas, para uma predominância de uso deste termo em composição com a palavra *Wunsch* (desejo), formando a palavra *Wunscherfüllung* (realização do desejo). Também indicaria uma alta frequência no uso freudiano do termo no contexto da interpretação dos sonhos e das alucinações. A palavra *Wunsch* em alemão também evoca o sentido de “desejo” como algo almejado, imaginado,

freqüentemente pertinente ao âmbito do sonho e do ideal. Portanto, trata-se de algo diverso do desejo mais imediato (vontade, sofreguidão, desejo sexual), expresso também por *Lust* (tesão) ou eventualmente por *Drang* (afã, ânsia), *Trieb* (pulsão, ímpeto) ou ainda *Bedürfnis* (carência). Assim, poderíamos constatar que no texto de Freud a palavra *Erfüllung* (realização) e o termo *Wunsch* (desejo) são dois elementos de uma trama que se contrapõe às palavras “vontade” (*Lust*) e “necessidade” (*Bedürfnis*). Estas duas últimas, geralmente associadas à palavra “satisfação” (*Befriedigung*) (eventualmente alívio, gozo), compõem uma outra “trama”. Fica evidente que o termo *Erfüllung* não se aplica à esfera mais corpórea, perceptiva ou diretamente sexual. Pelo contrário, semanticamente há uma ligação da composição *Wunscherfüllung* (realização do desejo) com uma tonalidade e conotação de algo que percorre a esfera da fantasia, do imaginado. Esse tipo de leitura procura fundamentar tais conexões a partir do próprio texto de Freud e do uso coloquial, sem apoiar-se na teoria psicanalítica; trata-se ainda de uma análise semântica de texto.

C) *Leitura psicanalítica e semântica*

Finalmente, uma leitura entrecruzando a língua alemã, os recursos retóricos e estilísticos de Freud e aspectos de cunho teórico-psicanalítico poderia buscar trechos e textos de Freud nos quais é abordada a questão da “realização” do desejo e compará-la com trechos sobre a “satisfação” do desejo. Tal análise nos levaria a constatar que Freud estabelece recorrentemente um vínculo psicanalítico da *Lust* (prazer, vontade), nascida da tensão e ancorada no órgão (*Organlust*, prazer de órgão), com a “descarga”, enquanto o *Wunsch* (desejo) nasceria do fracasso de obtenção de “satisfação” (*Befriedigung*). Para Freud, *Wunsch* nasce como um anelo, um almejar por um objeto mais longínquo a ser reencontrado. Esses nexos atravessam a obra, apesar das inúmeras reformulações freudianas sobre temas atinentes a esses conceitos, tais como a relação estímulo-prazer, a pulsão de morte, o masoquismo primário, a segunda tópica etc. Encontramos essas tramas, por exemplo, no “Projeto para uma Psicologia” (1895), em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), nos “Três Ensaios sobre a Sexualidade” (1905), nas “Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico” (1911), em “Pulsões e Destinos da Pulsão” (1915), em “A Negativa” (1925), só para citar alguns. Assim, a superposição entre semântica, estilo e teoria psicanalítica nos levaria a duas pequenas tramas apresentadas a seguir a título de ilustração:

Seqüência de termos que formam uma trama interligando *Erfüllung* (realização) com a palavra *Wunsch* (desejo na acepção de anelo):

[*Bild* (imagem) — *Gedächtnis* (memória) — *Halluzinieren* (alucinar) — *Erfüllung* (realização) — *Wunsch* (desejo) — *Vorstellung* (representação, idéia) — *Denken* (pensar)].

Seqüência de termos que formam uma trama interligando *Befriedigung* (satisfação) com a palavra *Lust* (desejo na acepção de vontade, disposição ou prazer):

[*Reiz* (estímulo) — *Partialtrieb* (pulsão parcial) — *Organlust* (prazer de órgão) — *Sexualfunktion* (função sexual) — *Befriedigung* (satisfação)].

Em ambas as seqüências há diferentes correlações de significados e conotações entre os verbetes: os termos que compõem a seqüência de *Wunsch* são mais imagéticos e ligados à fantasia, os da seqüência de *Lust/Trieb* são mais corpóreos, sensoriais, e se ligam àquilo que espicaça. Evidentemente, no texto freudiano, ambas as vertentes não correm sempre em separado, ora estão em paralelo, ora se entrelaçam em seqüências. Conforme o foco de leitura que Freud aplica, podem ainda ser constituídas seqüências bem diversas — por exemplo, atravessando-se em diagonal as seqüências citadas, é possível desenvolver uma trama que conduz do nível sensorial para o mental e representacional, focalizando-se agora o desejo em suas várias dimensões, algo que está, por exemplo, no texto de Freud “Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico” (1911).

Seqüência entrecruzando *Lust* e *Wunsch*:

[*Reiz* (estímulo) — *Lust* (vontade, desejo-prazer) — *Halluzinieren* (alucinar) — *Wunsch* (desejo almejado) — *Denken* (pensar) — *Wort* (palavra) — *Vorstellung* (representação)].

Trata-se de conexões entre verbetes que podem ser elaboradas lingüística e psicanaliticamente guiando-se por critérios variados. Por exemplo, em vez de palavras e conceitos ligados às imagens ou ao corpo, poder-se-iam alinhar os conceitos conforme processos de defesa que impliquem *rechaço* e *fechamento*, ou ainda segundo graus de desconforto etc. Contudo, para não ficarmos na livre associação, ou nas construções arbitrárias, somente quando tais seqüências passaram pelos três crivos de leitura descritos acima, é que elas foram levadas em conta na tradução ou —

quando não foi possível reproduzi-las em português — foram comentadas em notas.

Ademais, cabe advertir que na maioria das tramas por nós identificadas se podem *potencialmente* identificar em português as *mesmas relações e enlaçamentos* também presentes no texto alemão. Por exemplo, em português, termos como “energia”, “pressão”, “obsessão”, “estímulo” e “instinto”/“pulsão”, tal qual em alemão, também têm em comum um dinamismo que ativa e movimenta o sujeito, animando suas ações. Contudo, embora potencialmente esses nexos estejam presentes, eles são fracos, isto é, enlaçam de modo muito débil os termos em um mesmo grupo, pois cada um dos termos está mais fortemente inserido em outras redes do português ou em famílias de palavras que ocorreriam ao leitor brasileiro muito antes de se aventar uma interconexão como a que apontamos acima: “energia”, “pressão”, “obsessão”, “estímulo” e “instinto”/“pulsão”. Verificamos que mesmo no contexto psicanalítico passa despercebida da maioria dos leitores uma conexão, por exemplo, como aquela existente entre pressão (*Drang*) e instinto (*Trieb*).

■ II — A terminologia freudiana

Um dos principais desafios para uma nova tradução da obra de Freud é decidir quais das principais tradições terminológicas que competem entre si no campo psicanalítico devem ser mantidas e quais vale a pena alterar. Assim, cada um dos principais “termos técnicos” da terminologia psicanalítica foi examinado segundo quatro critérios de avaliação: 1) O grau de distorção semântico-conceitual que a tradução já tradicional do termo produz. 2) A análise dos problemas de aceitação de mudanças na tradução tradicional do termo. 3) A inexistência de soluções semanticamente melhores e os desdobramentos subseqüentes de cada alteração nos termos compostos. 4) O grau de conceptualização que impregna o uso do termo

Apresentamos a seguir os critérios gerais utilizados para analisar a terminologia, ilustrando-os com exemplos:

1) Análise do grau de distorção semântico-conceitual:

Tal como se descreveu nos tópicos sobre os traços semânticos, parte-se das diferenças entre o português e o alemão, procurando aqueles termos que passam despercebidos numa leitura alemã, mas que ao serem traduzidos causam tal estranheza ou distorção no português que vale a pena retomá-los. A seguir listamos em grau crescente de relevância os tipos de diferenças semântico-conceituais constatadas:

A) Há categorias de termos que, embora apresentem distorção ou perda semântica, foram mantidos na sua forma atual e não mereceram notas ou comentários. Trata-se de verbetes que, apesar de possuírem diferenças semânticas e em especial diferenças conotativas com relação ao português, não são utilizados por Freud de forma diferenciada. Por exemplo, os verbetes *Leib* (algo como um “corpo carnal”) e *Weib* (algo como uma “mulher-fêmea” ou “a fêmea arquetípica”) foram mantidos na tradução atual, figurando respectivamente como “corpo” e “mulher”. Essas perdas semânticas, embora importantes, não causam problemas de sentido para uma leitura teórica, pois Freud só emprega estes termos no sentido imediato e restrito, sem tirar partido de suas ricas conotações. Embora o leitor fique sem poder estabelecer nexos referentes à sabedoria psicológica contida na etimologia e na semântica dos idiomas, isto sobrecarregaria demais o corpo de

notas e nos levaria a um trabalho interminável de evocar todas as possíveis correlações entre as palavras, e não é disto que se trata nas notas e comentários. O mesmo vale para verbetes que, apesar de possuírem características lingüísticas interessantes para reflexões no contexto analítico, não são empregados no texto freudiano de forma a remeter a essas características. Por exemplo, não demos tratamento especial a palavras como “cura” (*Heilung*), cuja etimologia se liga ao “inteiro” e ao “sagrado” e se diferencia essencialmente da noção latina de “cura”, ou ainda ao termo “culpa” (*Schuld*), cuja polissemia, em alemão, admite, além do significado de “culpa”, também o sentido de “dívida”.

B) Foram analisados os verbetes pouco discutidos internacionalmente e no âmbito da língua portuguesa, mas de cujas características Freud faz uso, deliberadamente ou não, de forma a produzir efeitos estilísticos e semânticos importantes para a melhor compreensão teórica de determinados aspectos. Por exemplo, a relação entre *Reiz* (estímulo) e *bewältigen* (dominar, enfrentar, lidar) são dois exemplos de nexos semântico-conceituais que afetam de modo significativo a compreensão teórica de trechos importantes da obra de Freud. A tradução de *Reiz*, “estímulo”, e *bewältigen*, “dominar”, em nosso trabalho, foi tratada do seguinte modo: quanto ao termo “estímulo”, não tendo encontrado alternativa melhor, fornecemos em notas e comentários a informação de que *Reiz* contém forte conotação de “aguiilhamento” e “provocação”, e quanto a *bewältigen* optamos por traduzir o termo de uma forma diversa daquela encontrada nas outras traduções internacionais, adotando “lidar com”. Além disso, informamos em nota que o termo remete a um “lidar” precário e implica que se está lidando com uma força potencialmente *überwältigend* (sobrepujante, avassaladora). Também acrescentamos o comentário de que há uma ênfase de Freud na impossibilidade estrutural de o sujeito obter um efetivo “domínio” na esfera psíquica ou no patamar fisiológico dos estímulos (e ele sempre se refere nesses casos a estímulos internos ou pulsionais). Com isto buscamos recuperar um *Leitmotiv* semântico-conceitual que atravessa toda a obra de Freud: o corpo e a psique são tomados por estímulos pulsionais que brotam incessantemente e não se deixam dominar, na melhor das hipóteses podem ser encaminhados a certos destinos. Essa correlação entre as “forças internas” e seu “encaminhamento” alinha-se com outras temáticas freudianas recorrentes a respeito da impossibilidade de o Eu (ego) efetivamente “dominar” as pulsões ou de “dominar” a energia do Id. Infelizmente, o contexto em que os termos são empregados com frequência não permite ao leitor recuperar a ênfase de Freud nesses nexos entre a potência de *Reiz* (estímulo) e a precariedade da tentativa de *bewältigen* (dominar) os estímulos. Cada um dos casos em que

alteramos a tradução tradicional, ou em que lhe acrescentamos notas e comentários, foi testado junto a diferentes tipos de leitores no seu impacto sobre a compreensão da leitura. Também podemos mencionar aqui casos como *binden*, que, traduzido freqüentemente por “ligar” (muitas vezes entendido erroneamente por “vincular”), significa “ligar” na acepção mais física de “fixar”, “aprisionar”, “atar” ou “amarrar”. Outro exemplo é o termo *Abfuhr*, traduzido tradicionalmente por “descarga” (com freqüência entendido erroneamente na acepção de movimento de esvaziamento em rajada ou por disparo abrupto), mas cujo sentido geralmente é de remoção em ritmo de “escoamento” ou “drenagem”. Verificamos que esses tipos de problema de tradução causam importantes dificuldades de entendimento, abrangendo áreas teóricas relevantes.

C) Finalmente examinamos os termos cuja tradução tradicionalmente é reconhecida como problemática, havendo por vezes até três ou quatro opções para cada um, por exemplo, *Trieb* (pulsão, instinto, impulso), *Angst* (medo, angústia, ansiedade) ou *Vorstellung* (representação, idéia, concepção, imagem). Cada uma dessas opções de tradução deve ser testada com leitores de diversos perfis para verificar se de fato ocorrem problemas. Utilizando esses métodos de pesquisa (Hanns, 1996), constatamos que a não-superposição das redes semânticas do português e do alemão levam a importantes diferenças de entendimento conforme a opção adotada.

2) Quanto aos problemas de aceitação de mudanças na terminologia tradicional

Categorizamos os termos em seis níveis crescentes de problemas de aceitação que uma mudança causaria. Na prática, verificamos que em geral a mudança de um termo produz simultaneamente diversos dos problemas listados abaixo:

A) Há termos cuja alteração não causa maior problema — por exemplo, em vez de *bewältigen* ser traduzido por *dominar*, corrigimos a tradução para *lidar com*. Em geral, os leitores ficam gratos por esse gênero de alteração, e em casos assim decidimos mudar sua tradução. Outro exemplo é o termo *unverträglich*, que corrigimos para “intolerável” em vez de “incompatível”.

B) Há termos cuja alteração causa alguma estranheza, afetando hábitos instalados, mas que é aceita se bem argumentada — por exemplo, traduzir *Abfuhr* por “remoção” em vez de “descarga”. O termo alemão *Abfuhr* e a teorização freudiana

a seu respeito justamente vão contra a noção de “rajada” ou “disparo abrupto” contida em “descarga” e, ao contrário, remetem à noção de um processo de “drenagem” e “elaboração”. Outro exemplo pode ser encontrado no termo *verarbeiten*, já citado, que, em vez de ser traduzido pela opção tradicional “elaborar”, foi traduzido por “processar psicicamente”.

C) Existem diversos termos cuja tradução está em disputa entre escolas teóricas. Como mencionado no início, o campo da tradução de Freud está de certa forma politizado, pois as principais escolas desenvolveram concepções de tradução e terminologias diferentes — por exemplo, a tradução do termo *Trieb* está polarizada entre “pulsão” ou “instinto”. Este é também o caso de *Verdrängung*, cuja tradução tem adeptos da alternativa “recalque” ou da opção “repressão”. O mesmo ocorre com *Vorstellung*, polarizado entre os termos “idéia” ou “representação”. Porém, optar por uma terceira alternativa de tradução implica eventualmente obter uma rejeição unânime e gera certo transtorno, pois toda a literatura psicanalítica brasileira utiliza tradicionalmente uma dessas alternativas. Decidindo-se a favor de uma das opções habituais, embora se evoque a oposição dos adeptos da solução alternativa, não há um custo muito elevado de adaptação do leitor, pois as diferentes escolas de psicanálise se reconhecem mutuamente como pertencentes a tradições importantes, e os leitores estão habituados a ler essas duas ou três opções tradicionais. Assim, sempre que nos pareceu aceitável, permanecemos com uma das alternativas já consolidadas, visando a não causar transtornos desnecessários ao que já está estabelecido. Em geral a opção recaiu sobre o termo que tem sido mais utilizado nos textos psicanalíticos brasileiros atuais, como, por exemplo, para *Trieb* e *Verdrängung*, respectivamente “pulsão” e “recalque”, que, além de atualmente mais usuais, nos parecem opções ligeiramente mais adequadas dos que as alternativas disponíveis (Hanns, 1996, 1999). Em outros casos preferimos soluções que são minoritárias no uso atual, mas que ainda assim nos pareceram mais adequadas, como o caso de *Verleugnung*, para o qual optamos pela tradução de “negação” e ocasionalmente “desmentido” ou “renegação”, em vez da atualmente majoritária opção por “denegação”. Nesses casos, importantes tradições de interpretação entram em jogo, como também ocorre com o emprego laciano de “forclusão” (preclusão) para *Verwerfung*, que traduzimos por “repúdio” ou “negação”. Para pesar cada pró e contra, antes de adotarmos soluções mais “terminológicas” ou soluções ditadas pela semântica e pelo estilo, consideramos ainda outros aspectos que estão discutidos nos itens a seguir e na parte III desta seção.

D) Existem termos cuja alteração afetaria certas tradições de leitura e interpretação que se apoiam no texto de Freud e, portanto, teria uma razoável dificuldade de acei-

tação. Por exemplo, a mudança na tradução da palavra *Versagung* — habitualmente traduzida por “frustração” — para “impedimento”. Essa alteração eliminaria a noção de “tolerância à frustração” do texto de Freud; portanto, equivale a afirmar que o fundador da psicanálise não empregou o conceito de “tolerância à frustração”. De fato nós procuramos mostrar que Freud não emprega desse modo o termo “frustração”, mas utiliza o termo “impedimento”, e que para ele o que está em jogo é aumentar a “tolerância do paciente aos impedimentos da satisfação pulsional”, o que é quase o oposto da idéia de levar o paciente a aumentar o limiar de “tolerância à frustração”. Em casos assim, pareceu-nos viável arcar com o custo de uma mudança que se mostra essencial do ponto de vista teórico, e se trata de um real equívoco de tradução já discutido por nós em outros textos (Hanns, 1996).

E) Há termos cuja tradução tradicionalmente tem sido padronizada de forma mais rigorosa, pois fazem parte de uma ampla rede de termos interligados. Nesses casos a tendência da maioria dos tradutores tem sido traduzi-los sempre pelas mesmas palavras, mantendo a mesma simetria entre os termos do alemão. Por exemplo, a palavra *Vorstellung*, que é traduzida sempre por “idéia” (*idea* na tradução inglesa) ou por “representação” (*représentation* na tradução francesa e *representación* na tradução argentina), é articulada pelos tradutores e comentadores em uma rede conceitual que envolve também a palavra *Darstellung* (que é traduzida como “apresentação” ou “figuração”) e ainda se diferencia das composições *Wortvorstellung* e *Dingvorstellung* (respectivamente, “apresentação de palavra” e “apresentação de coisa” ou “representação-palavra” e “representação-coisa”). Remetem-se os tradutores e comentadores ao emprego desses termos por autores que influenciaram Freud ou sobre os quais se apoiou, tais como Hume, Stuart Mill e supostamente Kant e Leibniz. Não mantivemos a tradução de *Vorstellung* padronizada por uma única palavra. Só a diferenciamos de *Darstellung* quando no texto específico o termo era empregado por Freud de modo diferenciado; analogamente, reaproximamos os dois termos quando Freud os inseria novamente em tramas enfáticas. Não nos pareceu adequado insistir em reproduzir uma “simetria dos significantes” encontrada no alemão e forçar um espelhamento sobre uma semântica do português que é assimétrica em relação à alemã, quando tal insistência implicava perder seriamente inteligibilidade e gerar formulações muito estranhas e afastadas da linguagem freudiana. Portanto, evitamos transformar artificialmente tramas enfáticas em tramas de articulação. Preferimos manter a naturalidade dos termos de compreensão imediata e corriqueira que, embora utilizados na filosofia, também são composições fáceis e empregadas em tramas enfáticas que o leitor alemão não vincula à filosofia. Assim, em cada ocorrência de *Vorstel-*

lung optamos pela alternativa que nos pareceu mais análoga ao uso em Freud e fizemos o termo variar conforme o contexto traduzindo-o de modos diversos, sempre advertindo o leitor de que se trata da mesma palavra *Vorstellung*. Quando necessário contemplamos a passagem em questão com uma nota de esclarecimento sobre aquele uso particular do conceito e sua inserção na filosofia. Visamos assim, por um lado, a preservar a importância conceitual por meio das notas e, por outro, a resgatar a fluência e inteligibilidade do texto de Freud (em termos contemporâneos diríamos mantê-lo tão agradavelmente *user friendly* como em alemão), sem criar termos estranhos como “representação-palavra” ou “apresentação de palavra”, que chocam o leitor de Freud em outros idiomas. Preferimos utilizar alternativas como “representação mental da palavra”, “imagem da grafia da palavra” ou “imagem sonora da palavra”. O mesmo problema de assimetria entre as redes de termos associados ocorre com diversos outros termos, como, por exemplo, *binden*, tradicionalmente traduzido por “ligar”, mas que figurará na nova tradução como “atar”, “enlaçar”, “prender”, “fixar” etc. Também nesses casos indicamos ao leitor que se trata sempre do mesmo termo alemão. Consideramos que, embora nossa opção possa encontrar alguma dificuldade de aceitação, ainda assim valia a pena fazê-la.

F) Finalmente, há termos que embasam pressupostos importantes de diversas correntes psicanalíticas e cuja tradução segue certas tradições. Por exemplo, a substituição da tradução tradicional de *Angst* (“ansiedade” ou “angústia”) pelo termo de nossa preferência, “medo”. Uma mudança como essa implicaria uma série de outras alterações — por exemplo, significaria mudar a tradução de *Angstneurose* para “neurose de medo” em vez de “neurose de angústia” ou “neurose de ansiedade”. Esse gênero de alteração produziu em discussões preliminares com especialistas uma estranheza profunda e desencadeou debates acadêmicos de difícil conclusão. Como nesses casos não se trata de equívocos de tradução, diferentemente do caso de “frustração”, e tampouco de uma “simetria de significantes” forçada sobre uma “semântica assimétrica”, diferentemente do caso de “representação”, e na medida em que o que está em jogo são distorções suficientemente sutis para serem passíveis de querelas, decidimos, nos termos compostos com *Angst*, manter sempre as tradições terminológicas e apenas indicar em notas e comentários nossa preferência por outra opção. Nesses casos tão sensíveis e passíveis de interpretação, em vez de adotarmos a solução de nossa preferência (“medo”), preferimos deixar que com o tempo a comunidade de leitores possa decidir o que lhe parece mais indicado. Nas ocorrências de *Angst* como termo autônomo, adotamos a palavra “medo”, indicando o termo alemão entre colchetes.

3) Quanto à inexistência de soluções semanticamente melhores

Há termos cuja tradução poderia facilmente ser corrigida, mas causaria mais dificuldades do que traria benefícios, sendo preferível manter a solução tradicional. Por exemplo, conforme já mencionado, a palavra *Drang*, traduzida por *pressão*, em alemão equivale muito mais ao termo “ânsia” ou “afã”. Estas duas últimas opções permitiriam restituir em português o lugar relevante que *Drang* ocupa, considerada por Freud o elemento que está no âmago da pulsão, é sua própria essência. Ademais, na tradição cultural *Drang* ocupa um importante lugar, basta lembrar o *Sturm und Drang* do Pré-Romantismo alemão. Finalmente, poderíamos afirmar que muitas questões teóricas da metapsicologia seriam elucidadas com uma tradução mais correta nessa direção. Contudo, inserida na obra de Freud, a tradução por “afã” ou “ânsia” fica estranha e causou novas distorções de entendimento em diversas frases, além de introduzir novos problemas de polissemia. Portanto, apesar das limitações do termo “pressão”, optou-se por mantê-lo e comentá-lo em notas ao leitor. Outros termos, tais como *Verdrängung*, estão também mal servidos com qualquer solução, pois não há como encontrar um termo capaz de evocar a mescla de sentidos contidos no termo alemão que se perdem na tradução, tais como “empurrar de lado”, “desalojar”, “tirar à força de cena”, “esconder” e “abafar”. As palavras “repressão” e “recalque” não refletem esses sentidos simultâneos e importantes para a compreensão teórica do termo, mas parece não haver solução melhor, e neste caso optou-se por um dos termos tradicionalmente utilizados, a saber, “recalque”. Há ainda casos em que isoladamente se encontra uma boa solução para o termo, mas seus desdobramentos em composições com outros soa pouco usual. Por exemplo, para *Bindung* adotamos, em vez de “ligação”, o termo “enlaçamento”, mas *Entbindung*, “desligamento”, não poderia ser traduzido por “desenlaçamento”. Assim, optar por uma coerência simétrica à do alemão pode colocar o tradutor em uma camisa-de-força: se por um lado ele empregar a tradução mais elegante e coerente — que seria “ligação” e “desligamento” —, por outro perderá importantes conotações e causará alguns mal-entendidos. Contudo, se o tradutor empregar os termos conforme o contexto e fizer com que *Bindung* ora se traduza por “enlaçamento”, ora por “fixação”, ora por “aprisionamento”, e para *Entbindung* utilizar sempre o termo “liberação”, poderá dar a impressão de inconsistência. Apesar dos contras, optamos por este último caminho, advertindo o leitor em notas de que se trata sempre do mesmo termo alemão *Bindung*.

4) O grau de conceptualização impregnado no termo.

Consideramos quatro categorias de termos conceptualizados:

A) Termos que Freud estabeleceu inequivocamente como conceitos, ou como categorias psicanalíticas, tais como (*Abwehr*) “defesa”, (*Verdrängung*) “recalque”, (*Angstneurose*) “neurose de angústia” etc.

B) Termos que na obra de Freud operam como conceitos, embora ele não os designe como tais, são na realidade termos técnicos psicanalíticos, tais como (*Fixierung*) “fixação”, (*Abfuhr*) “descarga” etc., que ele emprega de modo bastante estável, apenas variando sua inserção em tramas enfáticas e de articulação.

C) Termos que são empregados por Freud de modo ora especificamente psicanalítico (embora variando de função e contexto), ora como termos coloquiais, tais como (*Vorstellung*) “representação”/“idéia”, (*Verwerfung*) “repúdio”, (*Verleugnung*) “negação”/“denegação”.

D) Termos que posteriormente a Freud foram alçados à categoria de conceitos psicanalíticos, a partir de seus comentadores; por exemplo, além dos dois exemplos acima — (*Verwerfung*) “repúdio”, (*Verleugnung*) “negação”/“denegação” —, as palavras *Annahme* e *Aufnahme*, respectivamente “aceitação” e “inclusão”, ambas discutidas por Monique Schneider.

Dependendo do grau de conceptualização do termo, diminui a liberdade de recriação ditada exclusivamente por critérios semânticos e estilísticos e é preciso aumentar o rigor terminológico na tradução, eventualmente contemplando o termo com notas semântico-conceituais na tentativa de resgatar sentidos que se perderam ao se terminologizar o termo. A avaliação a respeito de como e quando alterar ou não determinados termos depende, portanto, de uma superposição dos critérios acima (grau de distorção semântico-conceitual; análise dos prós e contras de uma mudança; inexistência de soluções semanticamente melhores; o grau de conceptualização do termo), os quais procuraremos agora colocar em ação conjunta a partir de exemplos.

5) Exemplo aplicado

Apresentaremos, a título de ilustração, como lidamos com o “termo técnico” *Abkömmling* que na terminologia psicanalítica brasileira é traduzido por “deri-

vado”. Esta palavra designa os derivados das idéias ou representações recalçadas. Conotativamente, *Abkömmling* remete a um “descendente”, “rebento” ou “filhote”, ou ainda a algo “proveniente”. Há no termo uma ênfase no “brotar” de uma origem que gera “descendência”, bem como a conotação de algo “vivo” e “autônomo”. Tais conotações estão mais presentes no termo alemão do que na palavra portuguesa “derivado”, aliás pouco usual como substantivo. Inserido no contexto psicanalítico, *Abkömmling* remete à imagem de novas “idéias” que vão brotando da “idéia” ou “representação” que foi recalçada. Evoca também a imagem de rebentos que passam a ter vida própria, vicejam na vida psíquica. Entretanto, isso não gera na teorização freudiana conseqüências muito diversas da palavra “derivados”, pois a concepção central que Freud tem dessas “idéias” é que sejam oriundas das idéias recalçadas e que, por associações ao longo da malha de representações, se afastem da idéia original, vindo a situar-se em pontos mais afastados da malha de representações. Tais derivados não são mais reconhecidos como originários de uma idéia recalçada, e graças a essa distância podem eventualmente entrar na consciência ou assumir a forma de sintomas. Na palavra “derivado”, utilizada na tradução brasileira, a noção fundamental de “origem” e “descendência” não se perde. É verdade que Freud utiliza, em conexão com o substantivo *Abkömmling*, verbos e adjetivos ligados a vivacidade, energia e atividade, mas se, por um lado, essa conotação de vitalidade e autonomia não está presente na palavra “derivados”, por outro, o contexto e o sentido das frases freudianas restituem essa conotação, mesmo no texto em português. Discutir esse tipo de diferença em notas ao leitor apenas sobrecarregaria o gênero de leitura proposta neste livro, portanto termos desse tipo não foram alterados nem comentados. Assim, apesar de a relevância teórica ser um critério *necessário*, não é um critério *suficiente*. Nesses casos, mais do que uma concepção teórica e estrutural da obra freudiana, falou mais alto a análise dos trechos nos quais os termos aparecem na obra, tentando-se quando possível verificar até que ponto determinadas conotações distintivas do termo são ou não evocadas para o leitor alemão do texto freudiano, bem como se há para o leitor brasileiro dificuldades de entendimento devido a diferenças de polissemia e conotação. Como se nota aqui, embora haja a possibilidade de recriar uma boa alternativa em português, resgatando aspectos da riqueza conotativa de *Abkömmlinge* — por exemplo, os termos “*descendentes*”, “*rebentos*” ou “*oriundos*” —, considerações sobre o contexto, o impacto sobre a compreensão teórica e o balanço dos custos de uma mudança terminológica ante os ganhos levaram-nos a manter o termo já tradicionalmente consolidado.

Outro exemplo de opção por uma solução terminológica tradicional é o caso da palavra *Trieb*. Embora tanto “instinto” como “pulsão” sejam inadequados,

optamos por este último e, apesar de existirem alternativas interessantes para lidar com a polissemia de *Trieb*, mantivemos sempre essa tradução para todas as diferentes ocorrências de *Trieb*. Novamente neste caso haveria alternativas pontuais para *Trieb*, tais como “ímpeto”, “impulso”, “vontade”, “força impelente”, ou ainda dois termos que seriam opções que gostaríamos de ter empregado: “necessidade” ou “motivação”. Ambos os termos contemplariam muitos aspectos fundamentais do termo *Trieb*, e em um estudo mais aprofundado se recobrem com os amplos usos dicionarizados da época de Freud, bem como com a maioria dos usos psicanalíticos que Freud deu a esta palavra. Contudo, seriam alternativas de difícil aceitação, pois, além de uma vasta bibliografia pós-freudiana já ter se fixado em “instinto” ou “pulsão”, o emprego específico do termo “necessidade” no campo laciano — em que a “necessidade” é distinguida da “pulsão” — generalizou-se na psicanálise. Ademais, “necessidade” tem também um emprego amplo na teoria da psicologia comportamental, e o mesmo ocorre com a palavra “motivação”. No campo psicanalítico, ambos os termos, “necessidade” e “motivação”, não são mais lembrados em seus aspectos sutis e em seus diversos sentidos literários no idioma português; sua adoção geraria a impressão de que o tradutor estaria fazendo uma leitura não-psicanalítica do termo *Trieb*. Portanto, a tradução *precisa levar em conta as condições de sua recepção*, tendo que integrar em suas decisões critérios estilísticos, semânticos, teorizações psicanalíticas pós-freudianas e os diversos usos do texto de Freud na atualidade, em um balanceamento que varia caso a caso e sempre passível de polêmica.

■ III — Aspectos estilísticos do texto

Inicialmente, levamos em conta dois fatores que a nosso ver causam importantes alterações na inteligibilidade e no estilo do texto de Freud e que serão considerados a seguir: 1) a polissemia dos termos; 2) as características do sistema sintático-semântico alemão de leitura.

1) A polissemia dos termos

O fenômeno da polissemia se infiltra de modo sutil na tradução e abre espaço para ambigüidades, para mal-entendidos, e propicia algo que designamos como *híperconceitualização*. Entretanto, em algum grau o deslizamento de sentidos dentro da rede de um idioma e dentro da malha de textos de determinado autor sempre ocorrerá. No âmbito da psicanálise certamente se trata de um fenômeno enriquecedor da leitura que deve ser preservado em sua oscilação. O problema se instala quando, ao se traduzir, se produzem artificialmente deslizamentos onde não os havia no original, e principalmente se esses deslizamentos se tornam predominantes na leitura em outro idioma e impedem o acesso a sentidos que constavam no texto alemão. Nesses casos, distorções por vezes sutis deformam de tal modo conteúdos que levam a grandes mal-entendidos quando o contexto não permite ao leitor identificar discontinuidades semânticas entre o alemão e o português. Entretanto, antes de explicarmos como procedemos nesses casos, cabe uma breve palavra sobre os deslizamentos da polissemia na passagem de um idioma a outro. Faremos isso a partir da tradução de uma frase fictícia do português, seguindo o destino do termo “sentido” na passagem para o alemão, para em seguida utilizar um exemplo tirado do texto de Freud focalizando o destino do termo *Versagung* na passagem para o português:

“Em geral é pelo contexto que se sabe o sentido que o autor confere a determinadas palavras.”

A frase acima contém a palavra *sentido*, a qual isoladamente pode ser compreendida como “direção geográfica” (sentido norte-sul); “ofendido” (ficou sentido comigo); “percebido” (isto foi sentido daquele modo), “órgão perceptivo” (o sentido do paladar), “papel”, “finalidade” ou “função” (o sentido desta regra) e “significado/acepção” (o sentido desta palavra). Mas o contexto nos indica que a palavra

sentido está sendo usada como “acepção” ou “significado”. A frase acima provavelmente será lida como:

“Em geral é pelo contexto que se sabe o significado (acepção) que o autor confere a determinadas palavras.”

Muito eventualmente, ainda no âmbito do português, poderiam surgir alternativas para a interpretação da palavra “sentido”; por exemplo, podemos entendê-la como se fosse sinônimo de “função” ou “finalidade”. Isto poderia acontecer se levássemos em conta o trecho final da frase: “...o sentido que o autor confere”, o qual remete a expressões tais como: “...para mim isto tem um sentido (função, finalidade) amoroso”. Mas, além da própria frase, tudo dependerá do contexto anterior e posterior. Exploremos agora, por um momento, a questão dos deslizamentos polissêmicos no ato tradutivo.

Se fôssemos incumbidos de traduzir para o alemão a frase acima, teríamos de escolher para a palavra *sentido* um de seus dois sinônimos alemães: *Sinn* (sentido) ou *Bedeutung* (significado). Talvez preferíssemos a palavra *Bedeutung*, pois *Sinn* pode ser sinônimo de “finalidade”. Contudo, se optássemos por *Bedeutung*, estaríamos introduzindo igualmente uma ambigüidade no texto alemão, pois *Bedeutung*, além de “significado/acepção”, também é sinônimo da palavra “relevância” ou “importância” (*Wichtigkeit*). Dependendo da construção da frase, ela poderia então ser entendida em alemão como:

“Em geral é pelo contexto singular que se sabe qual a importância que o autor confere a determinadas palavras.”

Se o texto em português tratasse tanto das “acepções” que as pessoas dão às palavras quanto da “importância” psíquica (afetiva) que as palavras têm para cada sujeito falante, o leitor poderia ser induzido a um erro de leitura, e em trechos nos quais o original português claramente utiliza o termo “sentido” como “acepção”, o leitor poderia atribuir à palavra *Bedeutung* equivocadamente o significado de “importância”, já que o contexto não permitiria desfazer as diferenças entre as diversas possibilidades de entendimento.

Esse gênero de deslizamento derivado da diferença entre redes polissêmicas do alemão e do português não só gera sutis ambigüidades, mas também mal-entendidos, principalmente quando novos significados parecem se encaixar no texto e dotá-lo de sentido. Por exemplo, nesse caso hipotético um leitor desavisado dos efeitos de deslizamentos polissêmicos na passagem de um idioma a outro poderia

desenvolver o que designamos como *hiperconceptualização*, isto é, em uma tentativa de interpretar o significado de certos termos e frases, o leitor buscaria desvendar os usos ocultos, as intenções e os nexos intratextuais, chegando à conclusão de que o autor do texto hipotético defende a idéia de que a “acepção” (cognitiva) e “a importância” (afetiva) estão interligadas e de que a mesma palavra *Bedeutung* estaria se referindo a ambas. Se por acaso o autor hipotético tivesse, por exemplo, na juventude tido acesso a determinadas teorias filosóficas (e as citadas em cartas), e se devido a referências comuns de época esse autor ainda tivesse mencionado em seus livros algum desses filósofos, o leitor-intérprete poderia concluir que *Bedeutung* é um conceito complexo e derivado de determinada teoria filosófica. Esse tipo de interpretação poderia transformar um termo que em português estava simplesmente sendo usado como sinônimo de “acepção” em um pseudoconceito complexo que transitaria supostamente entre os significados de “acepção”, “importância”, “finalidade”. Nesses casos um termo acaba sendo “enredado” em uma teia de supostas evidências textuais que na realidade nada mais eram do que coincidências e recorrências, gerando cada vez novas e mais elaboradas interpretações. Assim, termos como, por exemplo, *Seele* (psique, alma, espírito), *Gefüge* (estrutura, arcabouço, armação) ou *Aufhebung* (suspensão, cancelamento, interrupção), acrescentados de comentários eruditos sobre seus usos na filosofia e calcados sobre inúmeros exemplos pinçados do texto freudiano, formam verdadeiros casos de hiperconceptualização na psicanálise. Também termos como *necessidade*, *desejo*, *recalque* e *supressão*, entre muitos outros, embora não tenham chegado a ser objeto de uma hiperconceptualização acabaram sofrendo o efeito somado da polissemia imprevista pelo tradutor e do uso alternado entre tramas enfáticas e de articulação, estabelecendo dificuldades importantes para a tradução da obra de Freud. Passemos agora do exemplo fictício do português a um exemplo da passagem do alemão ao português, retirado do texto de Freud “À Guisa de Introdução ao Narcisismo” (1912), e utilizemos o já mencionado problema da tradução de *Versagung* por “frustração”:

“Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em conseqüência da frustração, formos incapazes de amar (...).”

O termo *Versagung* (frustração), derivado de *versagen* (frustrar), aparece no final da frase. Esta palavra pode ter as acepções de “impedir”, “bloquear”, “interditar”, “proibir”. Pode também ser traduzido por “frustrar” se utilizarmos “frustrar” no

sentido de “bloquear”, por exemplo, “frustrar uma tentativa de roubo”. Contudo, a tradução por “frustrar” leva o leitor a acrescentar inadvertidamente um sentido exclusivo do português, a saber, a acepção mais imediata e comum da palavra “frustrar”: “decepção”. Vemos, então, que involuntariamente se acrescentou em português um sentido ausente no alemão, e esta acepção de “decepção” parece se encaixar de modo natural na frase. Em testes constatamos que a maioria dos leitores de fato compreende a palavra “frustração” como “...se em consequência da *decepção* (devastação emocional, amargura) o sujeito ficar incapacitado para amar”. Infelizmente o contexto de todas as outras ocorrências de *Versagung* em Freud não permite desfazer esse entendimento, e um aspecto teórico fundamental da teoria de Freud, o papel dos obstáculos reais e externos, e o destino das pulsões bloqueadas, se perde no texto freudiano.

Para tentarmos minimizar esses frequentes efeitos de deslizamento polissêmico nas traduções de Freud, procedemos do seguinte modo:

A) Inicialmente testamos a cada frase as possibilidades de expressões, pronomes, substantivos e palavras em geral abrirem em português um leque polissêmico que o contexto não corrigirá. Também listamos os casos conhecidos de termos cuja tradução tradicional causou deslizamentos polissêmicos, tais como *Seele* ou *Aufhebung*.

B) Uma vez constatado o problema, buscamos alternativas de tradução que às vezes levavam a significativas perdas de elegância estilística, mas garantiam um entendimento adequado. Por exemplo, repetindo palavras, não empregando pronomes (já que em português não temos o sistema alemão de declinações que indicam a que se refere cada parte da frase). Isto também nos levou a arcar com ecos internos na frase (palavras sequencialmente utilizadas com as mesmas terminações). Também tivemos, por vezes, de optar por traduções de palavras pouco usuais, ou até mesmo circunscrevendo um certo termo utilizando diversas palavras que o explicam. Em todos esses casos, a elegância foi relegada a segundo plano para evitar a confusão de entendimento.

Em casos nos quais as soluções possam causar certo estranhamento, buscamos mitigar o problema utilizando notas e comentários.

2) As características do sistema sintático-semântico alemão de leitura

Um dos mais importantes problemas que decidimos abordar em nosso trabalho de tradução de Freud é o que pode ser chamado de “fadiga de recomposição”, isto é, o leitor é confrontado com frases que, embora compreensíveis em português, são em conjunto inusuais. Ao se acumularem ao longo das páginas, essas formulações geram um efeito importante de perda de clareza e legibilidade. Apenas a título de ilustração podemos citar aqui três exemplos:

A — (...) se o que estivesse em questão fosse o funcionamento de um estímulo externo (...)

B — (...) um estudo direto do narcisismo me parece aqui inviável (...)

C — (...) se não devêssemos levar nenhuma outra experiência em conta além dos fatos da memória (...)

Formulações como “o funcionamento de um estímulo externo”, “um estudo direto”, “os fatos da memória” soam inusuais em português, embora, em seu contexto, possam ser compreendidas. Testamos inúmeras vezes como essas pequenas perdas parciais de sentido produzem uma fadiga crescente do leitor não-alemão obrigado a realizar uma constante recomposição de sentido buscando pistas no contexto e na estrutura da frase. Submetemos diferentes versões das traduções tradicionais de Freud à leitura de não-alemães e as comparamos com o grau de inteligibilidade e facilidade de leitura obtido com alemães. Para recuperar em português o grau de legibilidade, clareza e fluência do estilo de Freud, foi preciso fazer intervenções que, por vezes, alteram profundamente a frase, por exemplo, reformulando os trechos acima:

A — (...) se o que estivesse em questão fosse o efeito produzido pela chegada de estímulos externos ao organismo (...)

B — (...) estudar o fenômeno do narcisismo *in loco* me parece inviável (...)

C — (...) se não devêssemos levar nada em conta além dos dados que conhecemos sobre o funcionamento da memória (...)

Contudo, cada alteração precisa ser considerada quanto às implicações teóricas das mudanças, e aqui entra em jogo uma questão de princípio e da relação que o tradutor tem com o texto “original”.

A preocupação de inadvertidamente alterar o texto, bem como o respeito pelo pensamento do autor, compreensivelmente leva muitos tradutores a manterem aparentemente intactos frases e trechos inteiros. Entretanto, estes se tornam, no novo idioma, canhestros, inusuais ou, às vezes, incompreensíveis. Ao não se correr o risco de reformular o que Freud queria dizer com determinada frase, corre-se outro risco: o de gerar em português um texto mais afastado do original do que se tivesse sido reformulado. Em todos os trechos que não estivessem exatamente tão inteligíveis em português quanto em alemão, não hesitamos em realizar alterações mais profundas de modo a torná-los tão compreensíveis quanto ao alemão. Optamos por respeitar a originalidade do pensamento de Freud buscando reproduzir o *pensamento* em primeiro lugar; portanto, para nós a *forma* não é a prioridade, mas o *conteúdo* e as relações intra e intertextuais (tramas enfáticas e de articulação). Muitas das intervenções que realizamos exigem conhecimento teórico da psicanálise para não se perder ou contaminar o texto com sentidos estranhos ao pensamento de Freud; portanto, contêm certo grau de interpretação e são passíveis de polêmica, mas esse risco e esse engajamento multidisciplinar entre psicanálise e tradução nos pareceram inevitáveis.

Basicamente seis tipos de alterações de texto corrido foram realizadas:

- A)** No alemão utilizam-se freqüentemente frases longas, com muitas orações subordinadas. Em português, isto não é tão comum, e muitas vezes optamos por dividir frases longas de Freud e seguimos padrões que em português são mais habituais e mais legíveis.
- B)** No alemão é comum fazer enumerações longas referindo-se uma única vez a um nome citado no início da frase e que permanece na memória do leitor durante uma prolongada seqüência de orações. Freqüentemente é necessário, em português, fornecer ao leitor os meios para reencontrar o fio da meada, citando novamente o objeto que está sendo tratado.
- C)** Com freqüência muda-se de tema ou se introduzem outros raciocínios em alemão sem apoio de conjunções, pois o leitor alemão busca unir o início ao final da frase, e é habitual que ele mantenha o fio da meada suspenso até o término de uma longa seqüência de orações. Em português introduzimos eventualmente conjunções e locuções inexistentes no texto alemão.
- D)** No alemão os aspectos verbais são diversos do português — por exemplo, verbos no imperfeito podem expressar uma ação em andamento na época, ou referir-se a algo já encerrado. Quando irrelevante para o sentido, optamos por traduzir do modo que seja mais habitual em português.

- E) Em alguns casos, Freud alterna modos de tratamento dentro de um mesmo artigo, empregando ora a primeira pessoa, ora o “nós”, ou ainda o sujeito impessoal. Embora a forma “eu” indique engajamento pessoal, e o pronome “nós” aponte para um grupo ou comunidade que compartilha um mesmo modo de pensar, ou sirva para obter a cumplicidade do leitor, e o sujeito impessoal indique tratar-se de um saber mais absoluto e científico, não convém exagerar na importância desses recursos para revelarem a postura epistemológica de Freud, e quando em português esses usos soam inadequados nós os alteramos.
- F) Há expressões idiomáticas alemãs cuja tradução literal, embora seja compreensível em português, são inusuais, e nesses casos foram alteradas, ou eliminadas em prol da legibilidade.
- G) Freud com frequência alterna os graus de certeza e incerteza das frases buscando enlaçar o leitor em inúmeras circunvoluções em torno de um argumento. Trata-se de um movimento retórico e estilístico que Patrick Mahoney (1982) examinou com fineza na obra de Freud. De fato, em alemão é habitual empregar aspectos verbais (conjuntivo I e II), verbos modais e partículas enfáticas diversas (tais como *wohl* e *doch*) para obter tais efeitos. Esta é uma especificidade do idioma alemão, que prima pela riqueza nas gradações de certeza e incerteza, o que permite ao falante do alemão insinuar, induzir e ironizar a partir de um leque de matizes que não é habitual em muitos idiomas. Em geral foi possível seguir esses matizes, mas por vezes sua manutenção em português gera efeitos inadequados ou canhestros, pois em cada cultura determinados graus de certeza têm significados diversos, e o que em um idioma é uma forma retórica de incerteza pode em outro idioma denotar insegurança, falta de assertividade e pouca seriedade.

■ IV — Um exemplo aplicado passo a passo

Superpondo esses três eixos de trabalho, 1) as tramas semântico-conceituais enfáticas e de articulação; 2) a análise terminológica; e 3) a análise do texto, formamos a grade de critérios apresentada a seguir:

- A) O rigor conceitual está adequado para garantir uma compreensão teórica correta? O conteúdo essencial da frase foi reproduzido adequadamente para garantir uma compreensão dos trechos não teóricos?
- B) O grau de dificuldade do conteúdo e da forma no português está equivalente ao do alemão?
- C) Os deslizamentos polissêmicos estão sendo considerados? Há ambigüidades previsíveis pela polissemia?
- D) As tramas enfáticas e as tramas de articulação que percorrem os textos e a obra são relevantes para a melhor compreensão teórica? É possível reproduzi-las em português?
- E) O registro discursivo (acadêmico, prosa científica, a coloquialidade a terminologia filosófica etc.) corresponde ao seu equivalente em alemão da época?
- F) O ritmo da frase, os graus de certeza, a linguagem direta ou indireta, a ordem das orações na frase, a elegância da construção estão adequadamente reproduzidos?
- G) Há uma tentativa de preservar, quando possível, a literalidade da palavra e a estrutura da frase?

Ao final sempre comparamos a tradução resultante com suas seis congêneres (inglesa, francesa, espanhola, argentina, italiana e com a *Standard* brasileira), bem como com alguns dos textos já traduzidos e publicados em português por Paulo César de Souza e por Marilene Carone, verificando quais as divergências e discutindo os prós e os contras de cada versão. É a partir dessa grade de critérios e das comparações com outras traduções que todos os trechos foram trabalhados e as notas e comentários elaborados; contudo, prevaleceu sempre o contexto. Se determinada opção de tradução se mostrou mais adequada para manter a qualidade do

trecho, ela foi adotada em detrimento de uma coerência de todos os critérios. Isto é, o tradutor não é refém do método, o fenômeno lingüístico é por demais complexo para se deixar capturar por poucos critérios, ao final devem prevalecer o bom senso e as necessidades presentes em cada trecho. Embora se trabalhe levando em conta as evoluções no pensamento de Freud, os movimentos retóricos e as tramas que perpassam a obra, não se buscou preservar uma estrutura simétrica à presente no alemão. Consideramos que os idiomas são assimétricos e que os hábitos retóricos são outros, e acima de tudo que o *contexto de recepção* da obra é outro.

Um exemplo aplicado passo a passo

Segue, finalmente, um pequeno trecho no qual aplicamos os critérios decisórios descritos acima. Trata-se do primeiro parágrafo do texto “O Recalque”, apresentado em alemão, juntamente com sua tradução em inglês, francês, italiano e espanhol e no português da *Edição Standard Brasileira* para servirem de base de comparação com nossa nova tradução brasileira. Serão descritos os principais passos de nossa análise. O trecho foi apresentado em suas diversas versões e idiomas a leigos e a leitores familiarizados com a psicanálise. A inteligibilidade do texto alemão quando apresentado a leitores leigos mostrou-se muito elevada, isto é, eles geralmente souberam reproduzir corretamente o que o autor queria dizer, bem como declararam certa facilidade de leitura. O mesmo não ocorreu principalmente com leitores em português, em francês e na versão argentina. Entre os leitores familiarizados com o tema, constatamos que estudantes e participantes de grupos de estudos tiveram certa dificuldade de entendimento. Precisaram apoiar-se em comentadores e interpretar diversos trechos. Embora saibamos que a maioria dos leitores brasileiros de Freud tem familiaridade com o tema, em nossa versão procuramos elaborar uma tradução o mais próxima possível da inteligibilidade original. Também buscamos resgatar no corpo do texto, ou em notas, alguns dos nexos semântico-conceituais fundamentais e ao mesmo tempo respeitar algumas marcas terminológicas já consolidadas que orientam há décadas os leitores não-alemães de Freud.

Texto alemão: *Es kann das Schicksal einer Triebregung werden, dass sie auf Widerstände stösst, welche sie unwirksam machen wollen. Unter Bedingungen, deren nähere Untersuchung uns bevorsteht, gelangt sie dann in den Zustand der Verdrängung. Handelte es sich um die Wirkung eines äusseren Reizes, so wäre offenbar die Flucht das geeignete Mittel. Im Falle des Triebes kann die Flucht nichts nützen, denn das Ich kann sich nicht selbst entfliehen. Später einmal wird in der Urteilsverwerfung (Verurteilung) ein gutes Mittel gegen die Triebregung gefunden werden. Eine Vorstufe der Verurteilung ist die Verdrängung, deren Begriff in der Zeit vor den psychoanalytischen Studien nicht aufgestellt werden konnte.*

A seguir, as seis versões das edições que utilizamos para cotejar com a nossa tradução:

Edição Standard Brasileira: *Uma das vicissitudes que um impulso instintual pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-lo inoperante. Em certas condições, que logo investigaremos mais detidamente, o impulso passa então para o estado de “repressão” (Verdrängung). Se o que estivesse em questão fosse o funcionamento de um estímulo externo, obviamente se deveria adotar a fuga como método apropriado; para o instinto, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego não pode escapar de si próprio. Em dado período ulterior, se verificará que a rejeição baseada no julgamento (condenação) constituirá um bom método a ser adotado contra o impulso instintual. A repressão é uma etapa preliminar da condenação, algo entre a fuga e a condenação; trata-se de um conceito que não poderia ter sido formulado antes da época dos estudos psicanalíticos.*

Edição Standard inglesa: *One of the vicissitudes an instinctual impulse may undergo is to meet with resistances which seek to make it inoperative. Under certain conditions, which we shall presently investigate more closely, the impulse then passes into the state of “repression”. If what was in question was the operation of an external stimulus, the appropriate method to adopt would obviously be flight; with an instinct, flight is of no avail, for the ego cannot escape from itself. At some later period, rejection based on judgement (condemnation) will be found to be a good method to adopt against an instinctual impulse. Repression is a preliminary stage of condemnation, something between flight and condemnation; it is a concept which could not have been formulated before the time of psycho-analytic studies.*

Edição das Œuvres Complètes francesa: *Ce peut devenir le destin d’une motion pulsionnelle que de se heurter à des résistances qui veulent la rendre inefficente. Sous des conditions que nous nous proposons d’examiner plus avant, elle parvient alors à l’état de*

refoulement. S'il s'agissait de l'effet d'un stimulus externe, la fuite serait manifestement le moyen approprié. Dans le cas de la pulsion, la fuite ne peut servir de rien, car le moi ne peut se fuir lui-même. Ultérieurement peut-être sera, trouvé, dans le rejet par le jugement (jugement de condamnation), un bon moyen contre la motion pulsionnelle. Un stade préliminaire du jugement de condamnation, est le refoulement, dont le concept ne pouvait être mis en place à l'époque précédant les études psychanalytiques.

Edição italiana: *Può essere destino di un moto pulsionale urtare contro resistenze che mirano a renderlo inefficace. Sesi verificano determinate condizioni, che dovremo presto esaminare più da vicino, esso perviene allora nello stato della "rimozione". Se si fosse trattato dell'azione di uno stimolo esterno, la fuga sarebbe stata evidentemente il mezzo più appropriato. Nel caso della pulsione la fuga non serve, giacché l'Io non può sfuggire a sé stesso. In seguito, verrà il momento in cui un buon mezzo contro il moto pulsionale verrà trovato nella preliminare della condanna, qualcosa che sta a metà fra la fuga e la condanna; il concetto di rimozione non poteva essere formulato prima dell'avvento degli studi psicoanalitici.*

Edição espanhola: *Otro de los destinos de un instinto puede ser el de tropezar con resistencias que intenten despojarlo de su eficacia. En circunstancias cuya investigación nos proponemos emprender en seguida, pasa el instinto al estado de represión. Si se trata del efecto de un estímulo exterior, el medio de defensa más adecuado contra él sería la fuga. Pero tratándose del instinto, la fuga resulta ineficaz, pues el yo no puede huir de sí mismo. Más tarde, el enjuiciamiento reflexivo del instinto (y su condena) constituyen para el individuo excelente medio de defensa contra él. La represión, concepto que no podía ser formulado antes de las investigaciones psicoanalíticas, constituye una fase preliminar de la condena, una noción intermedia entre la condena y la fuga.*

Edição argentina: *Puede ser el destino de una moción pulsional chocar con resistencias que quieran hacerla inoperante. Bajo condiciones a cuyo estudio más atento pasaremos en seguida, entra entonces en el estado de la represión. Si se tratase del efecto de un estímulo exterior, es evidente que la huida sería el medio apropiado. En el caso de la pulsión, de nada vale la huida, pues el yo no puede escapar de sí mismo. Más tarde, en algún momento, se encontrará en la desestimación por el juicio (juicio adverso) un buen recurso contra la moción pulsional. Una etapa previa al juicio adverso, una cosa intermedia entre la huida y el juicio adverso, es la represión, cuyo concepto no podía establecerse en el período anterior a los estudios psicoanalíticos.*

A) *As tramas presentes no texto alemão*

Em alemão, *Triebregung* “moção pulsional” evoca algo que brota (*Regung*, “moção” ou “impulso”) e que é impelido (*Trieb*) em um percurso para a ação, trata-se de algo comparável a uma “iniciativa incipiente” que se desenvolverá até tornar-se movimento e produzir efeitos. Também o uso do termo *Schicksal* (“destino”), embora incomum, é rapidamente entendido, pois *Regung* e *Trieb*, assim como inúmeros termos que Freud interliga com estes (*Abkömmlinge der Verdrängung*, “derivados do recalçado”), apresentam-se com certa autonomia, quase com vida própria; trata-se, no caso desses termos, sempre de algo que brota e percorre uma rota. Daí entende-se que em seu percurso essa *Regung* se choque/trombe com resistências interpostas em seu caminho e que queiram paralisá-la, impedi-la de prosseguir e de tornar-se *wirksam* (em alemão, *wirken* simultaneamente significa “agir” e “produzir efeitos”). Esses nexos ficam implícitos para o leitor alemão.

Em alemão, o termo *verdrängt* é algo como estar “abafado e paralisado”, e *verdrängen* implica “não querer tomar conhecimento” e “tirar a idéia de cena”. Levando-se em conta que em alemão *Trieb* é uma força impelente que brota, espicaça e coloca em movimento (diversos termos do alemão cotidiano são compostos com *Trieb* e evocam a idéia de impelir), entende-se que o termo *Trieb* se refira a algo incômodo, que incita, algo intrinsecamente incessante e impelente que não é eliminado, pode apenas ficar em estado de impedimento, bloqueado, latente. Portanto, é compreensível a ênfase de Freud em mostrar que se trata de um “estado”, quase uma latência ou clausura.

Também é conhecido do leitor alemão o nexo de que *Reiz* (“estímulo”) e *Trieb* pertencem ao mesmo grupo de “coisas que impelem, provocam, espicaçam”. *Reiz*, em alemão, também é algo que irrita e leva o sujeito a querer fugir de seu raio de ação. Além disso, é evidente em alemão que *Trieb* é sempre de origem interna e que *Reiz* pode ser de origem interna e ocasional sinônimo de *Trieb*, principalmente na forma de *Triebreiz* (Hanns, 1996), ou ainda que *Reiz* pode ser de origem externa, caso em que não se trata de uma pulsão. É por isso que Freud se vê obrigado a esclarecer de que tipo de *Reiz* se trata, e explica que o que está sendo comparado a *Triebregung* a *Trieb* é um *Reiz* externo e, portanto, que o elemento que está sendo abafado (recalçado) é um *Trieb* e não um *Reiz* externo, ou seja, trata-se de um *Reiz* interno.

Igualmente subentende-se, em alemão, que o sujeito da oração na qual Freud menciona que “... no período posterior se descobrirá...” é uma pessoa, um ser humano; este é que descobrirá que, em vez de fugir (mecanismo primitivo), pode “formular raciocínios de rejeição contra o conteúdo de sua pulsão” (pulsão

aqui entendida como sinônimo na trama enfática de “ímpetos”, “desejos”, “necessidades”), isto é, que o sujeito pode rejeitar, no sentido de “condenar moralmente” seus impulsos e descartá-los racionalmente (*verurteilen/verwerfen*).

Assim, fica claro, em alemão, o esforço de Freud em mostrar que, entre a opção de uma fuga imediata e a alternativa oposta de racionalmente emitir um juízo de valor (atividades da consciência), há um meio-termo: “abafar psicologicamente”, “empurrar para debaixo do tapete”, ou seja, fazer força para “não tomar conhecimento” (*verdrängen*).

B) *Análise de algumas perdas de legibilidade observadas*

Para o leitor não familiarizado com psicanálise, a leitura deste parágrafo em outros idiomas pode tornar-se árdua e em alguns trechos incompreensível. Apresentamos a seguir o parágrafo com as dificuldades que constatamos surgirem para o leitor:

“Uma das vicissitudes que uma moção pulsional pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-la inoperante.”

“Uma das vicissitudes que um impulso instintual pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-lo inoperante.”

Dificuldade: O leitor não familiarizado com a teoria psicanalítica se pergunta o que é exatamente uma “moção pulsional”. Nem “moção” nem “pulsão” são termos imediatos em português, a troca de “moção pulsional” por “impulso instintual” pretensamente torna o trecho mais claro, mas, além de ser uma composição inusual, a palavra “instinto” deturpa o sentido de *Trieb*, e o termo “impulso” pode levar a crer que se trate de um “impulso” na acepção de um descontrole, uma forte vontade súbita. Por que Freud abruptamente introduz a idéia de que há uma resistência contra o instinto/pulsão e por que essa resistência tem a meta de tornar a moção inoperante? “Inoperante” é um termo bastante técnico (equipamentos ficam inoperantes). Ademais, perde-se a trama de *Triebregung* (algo que “brota e avança”), com *Widerstand* (“resistência” em alemão é composto por “manter ereto” + “contra”, remetendo a “erigir barreiras”) e *unwirksam* (algo que fica simultaneamente “incapaz de agir” e de “produzir efeitos”). Quanto a “vicissitudes”, embora se trate de uma boa alternativa ao termo “destino”, está por demais vinculada à idéia de infortúnio, mas a questão é que ambos, “destino” ou “vicissitude”, soam inusuais quando lidos nessa frase, pois causa estranhamento a idéia de que uma moção pulsional ou um impulso instintual possa sofrer uma “vicissitude” ou ter um “des-

tino” (salvo se fosse claro para o leitor que o *Triebregung* tem vida própria, alguma autonomia e percorre rotas nos meandros psíquicos).

“Em certas condições, que logo investigaremos mais detidamente, o impulso/moção passa então para o estado de ‘repressão’/‘recalque’ (*Verdrängung*).”

Dificuldade: O que é “recalque”, termo tão pouco usual no contexto psíquico que soa quase como um neologismo? *Verdrängung* é logo associado, em alemão, a “abafar”, “paralisar”, “manter fora de cena”, e seu entendimento é imediato. Também a alternativa um “estado de repressão” é inusual e perde-se a idéia implícita em *verdrängen* de que um elemento é “mantido de lado”, em estado latente, abafado. Todas estas conotações, aliás, são diversas das implícitas em “reprimido”, que, embora mais natural em português, leva a uma leitura falsamente compreensível, pois perde-se a idéia implícita no termo alemão de que na *Verdrängung* algo se põe no lugar da idéia recalçada e a empurra de lado e ocupa esse espaço. Neste sentido o estranhamento causado pelo termo “recalque” (influência do *refoulement* do francês), cada vez mais utilizado na psicanálise brasileira, pode ser uma estratégia de chamar a atenção do leitor para um conceito fundamental e de difícil tradução, embora também não permita destacar a concepção de “substituição de uma idéia por outra”, enfim, a “formação substitutiva”.

“Se o que estivesse em questão fosse o funcionamento de um estímulo externo, obviamente se deveria adotar a fuga como método apropriado...”

Dificuldade: Por que subitamente Freud fala de um estímulo externo? E que papel tem esse estímulo, o que quer dizer “se o que estivesse em questão fosse o funcionamento de um estímulo externo”? E por que a fuga é um método apropriado? Apropriado para quê? Para atingir que meta? Em alemão *Reiz* significa “estímulo provocativo”, “espicaçante”, e é mais compreensível que o sujeito queira escapar do raio de ação de algo que o incita incomodamente. Ademais, *Reiz* e *Trieb* são ambos equivalentes em uma trama enfática, ambos remetem a elementos que incitam e colocam em movimento. Em português não temos esses nexos. Também nos perguntamos o que quer dizer o “funcionamento de um estímulo”.

“para o instinto/pulsão, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego não pode escapar de si próprio...”

Dificuldade: Novamente, sem o conhecimento de que a “pulsão” tem uma origem interna, não se compreende por que se trata de fugir de si mesmo, pois “pulsão” é um neologismo que nada significa para os não familiarizados. O termo “instinto” minora esse problema, mas deturpa o sentido de *Trieb*. Também se formula a pergunta: por que fugir de um instinto/pulsão?

“Em dado período ulterior, se verificará que a rejeição baseada no julgamento (condenação) constituirá um bom método a ser adotado contra o impulso instintual.”

Dificuldade: “Rejeição baseada num julgamento” é uma formulação canhestra, exige deduções inseguras por parte do leitor. E que quer dizer “período ulterior se verificará”? Quem verificará? A psicanálise, um organismo, uma pessoa, o leitor? E por que deve ser adotado um método contra o impulso instintual/pulsional? Em alemão é nítido que se trata de um sujeito que, com seu desenvolvimento psíquico, irá encontrar mais tarde, contra o incômodo causado pelo *Trieb*, a possibilidade de acionar os juízos do pensamento e descartar moralmente, condenar o desejo que sentiu.

“A repressão é uma etapa preliminar da condenação, algo entre a fuga e a condenação; trata-se de um conceito que não poderia ter sido formulado antes da época dos estudos psicanalíticos.”

Dificuldade: Por que a repressão/recalque é um meio-termo? Entre a fuga e uma “rejeição baseada num julgamento” ou entre a fuga e uma “condenação”, mas condenação de quê?

Dos textos acima, a versão em português apresenta maiores dificuldades que seus congêneres em inglês, francês, italiano e espanhol. Estes apresentam outros gêneros de problemas e diferentes graus de dificuldade para a leitura. Parece-nos que, do ponto de vista da facilidade de leitura, o texto inglês foi o mais bem-sucedido, não apresentando praticamente diferença de fluência quando comparado ao alemão, embora nexos importantes também se tenham perdido. A versão espanhola de Ballesteros e a italiana também procuraram resgatar o que seria o estilo e a fluência de Freud, mas a espanhola claramente é a que mais ousa alterar o texto para resgatar nexos perdidos. A versão argentina e principalmente a francesa, que segue mais estritamente a opção fiel ao significante, apresentam ambos textos esmerados e cuidadosos, mas voltados a um projeto de cunho mais

conceitual e estrutural. Como se nota, não há em versão alguma soluções que acomodem simultaneamente a elegância do texto freudiano, as redes semântico-conceituais, a ausência de ambigüidades, a leitura fluente, o rigor conceitual e ainda uma correspondência de estilo. O mesmo obviamente acontecerá com nossa tradução (a seguir), que é o resultado da composição de “perdas e ganhos” pela qual optamos. Os comentários que se seguem a este trecho ilustram nosso método de trabalho e raciocínio.

C) *Nosso texto para a nova tradução brasileira:*

O destino de uma pulsão que acaba de brotar¹ [Triebregung] pode ser encontrar, ao longo de seu percurso, resistências que queiram impedir sua ação. Sob condições que ainda examinaremos mais detalhadamente, ela entra então em estado de recalque. Claro que se, ao invés de uma pulsão, se tratasse da ação de um estímulo externo, a fuga teria sido a medida mais apropriada para escapar de seu raio de ação, mas, no caso de uma pulsão, tal fuga não tem serventia, pois o Eu não pode fugir de si mesmo. Em um período posterior, o sujeito perceberá que repudiar o conteúdo da pulsão [Triebregung] baseando-se em um juízo de valor (condenação) pode ser uma providência eficaz. Contudo, há uma etapa preliminar à condenação da manifestação da pulsão, situa-se entre a fuga e o repúdio condenatório, trata-se do recalque, conceito que não poderia ter sido formulado antes da existência dos estudos psicanalíticos.

Nota:

■ 1 T: *Triebregung* pulsão que acaba de brotar; alternativas: “moção pulsional”, “impulso instintual”; *Trieb*, pulsão; alternativa: “instinto”; significados: *Trieb* denota uma força impelente, resulta da fusão de duas palavras do médio alemão, “o que impele”, *trip*, e “o que é impedido”, *trift*; abrange um arco de sentidos que descreve as diferentes esferas de circulação dessa força impelente, desde o pólo que brota e impele até o pólo que atrai e puxa para si; *Trieb* é a força responsável pelas necessidades, vontades, impulsos e desejos assumindo a forma de impulso fisiológico, pensamento etc.); ver DCAF; *Regung*, “movimento que acaba de brotar”, alternativas: “moção” ou “impulso”; significados: “esboço de movimento”, algo que está se manifestando ou aflorando; conotações: momento do brotar da pulsão; ver DCAF.

D) *Esclarecimentos sobre nossa tradução:*

Como de praxe, a tradução foi feita do alemão diretamente para o português, para então ser comparada com as traduções que nos serviram de baliza (do inglês, do francês, do italiano, do espanhol e do português). As divergências entre as versões em outros idiomas, bem como as divergências entre as tendências predominantes nas outras versões e a nossa, sempre foram analisadas. Destacamos a seguir algumas das principais opções que fizemos:

D.1) A fórmula explicativa “pulsão que acaba de brotar” em vez de “impulso” ou “moção”

Apesar de geralmente empregarmos para *Regung* o termo “moção”, este se mostrou tão pouco usual em português, e neste caso tão desfavorável para o entendimento, que optamos por uma fórmula mais linear, buscando manter a idéia essencial desse aflorar da pulsão e seu desdobramento em movimento. Acrescentamos o termo em alemão no corpo do texto, indicando ao leitor tratar-se de *Triebregung*, palavra que, sempre que surgir, poderá ser traduzida de outros modos, e optamos por comentar o termo *Regung* em uma nota, sempre visando a um esclarecimento semântico-conceitual. Não vemos sentido em, a título de padronização de um termo, ficarmos engessados em uma só tradução, por exemplo, fixando *Regung*= “moção”, sob pena de prejudicarmos o entendimento e nos afastarmos em demasia da conotação do termo alemão; preferimos dar ao leitor a pista do significante, por meio do termo alemão em itálico ou em notas do tradutor. Quanto à adoção do termo “pulsão” para *Trieb*, remetemos o leitor a outras obras em que abordamos amplamente esta questão, discutindo os prós e os contras das alternativas tradicionais “pulsão” e “instinto” (Hanns, 1996, pp. 338-354, e Hanns, 1999 e também “Comentários do Editor Brasileiro”, pp. 137-140), mas mencionemos aqui que as opções “instinto” e “pulsão” são ambas inadequadas, e ao fim pesou aquele que nos pareceu o melhor compromisso. Embora estilisticamente seja nítido que “instinto” seria mais adequado à nossa meta de inteligibilidade do que o neologismo “pulsão”, “instinto” padece de inúmeros problemas, notadamente o fato de não envolver o importante aspecto volitivo contido em *Trieb* e ao mesmo tempo parecer enganosamente compreensível, e por isso dotar o texto freudiano de sentidos que acabam por induzir o leitor a erros de entendimento do conceito. Por esse motivo optamos por manter um neologismo que já se consolidou em boa parcela da psicanálise brasileira e que, justamente por não ter significado algum em nosso idioma, nos permite chamar atenção para o termo e contemplá-lo com uma extensa nota de rodapé.

D.2) A introdução das palavras “ao longo do seu percurso”.

O recurso de acrescentar palavras é empregado em diversas traduções conhecidas, principalmente pela espanhola de Ballesteros e pela inglesa de Strachey, que, ao final desse parágrafo que estamos analisando, também opta por acrescentar palavras ao texto do original. Nesse trecho, optamos por fazê-lo, ainda que as palavras não constem no original, pois a idéia de percursos está implícita no texto alemão: além de *Trieb* evocar um movimento que flui, o termo *stossen* (“trombar/chocar-se”) reforça a idéia de que algo que percorria uma rota encontra uma barreira e se choca contra ela. Acrescentar “ao longo do seu percurso” mostrou-se importante para dar ao texto em português uma inteligibilidade mais equivalente ao texto alemão, enfatizando o aspecto metapsicológico da circulação pulsional.

D.3) A opção por “impedir sua ação” em vez da solução predominante em outras traduções: torná-la “ineficaz”, “inoperante”.

Pareceu-nos fundamental marcar a idéia contida em *Wirkung*, que é “efeito” na acepção de “ação”, “produzir efeito”. Freud com frequência alude em outros textos ao movimento de escapar do “raio de ação” do estímulo, *Bereich der Reizwirkung*. Neste sentido, embora se trate de tornar o estímulo inoperante, a questão é impedir a capacidade do estímulo de, por meio de uma ação, produzir efeitos. Esse entendimento é importante para dar sentido a todo o texto.

D.4) A opção por “recalque” em vez de “repressão”.

Novamente, como ocorre com *Trieb*, ambas as opções já consolidadas para traduzir *Verdrängung*, respectivamente “recalque” e “repressão”, são inadequadas, mas outras opções não são melhores. Conforme indicamos, embora exista a palavra “recalque”, ela é tão inusual no contexto do psíquico, que funciona quase como um neologismo. Ao adotá-la, em vez da alternativa “repressão”, produz-se um efeito análogo ao obtido com a adoção da palavra “pulsão”, isto é, cria-se um estranhamento que tem a vantagem de permitir que se chame atenção para o termo com uma nota que reproduzimos logo abaixo:

■ T: *Verdrängung*, “recalque”; alternativa: “repressão”; significados: “desalojado”, “empurrado para o lado”; conotações: empenho de “abafar” ou “paralisar” a manifestação de uma idéia incômoda. Observação: Freud combina neste e em outros artigos o verbo *drängen*, “forçar passagem/empurrar”, com os prefixos *ver-*, *nach-* ou *vor-* para descrever os movimentos de “empurrar forçando” na direção do consciente ou do inconsciente; ver DCAF.

D.5) A introdução das palavras “ao invés de uma pulsão”, que não constam no texto alemão.

Aqui também nos pareceu necessário compensar uma relação que existe no alemão e inexistente no português: a relação de semelhança entre *Reize Triebregung*. Um modo de fazê-lo foi correlacionando ambos, tornando mais claro que neste trecho Freud explica que, se um elemento (a pulsão) estivesse agora “no lugar de” outro (o estímulo), então...”. De outro modo fica ininteligível para o leitor que está lendo pela primeira vez, e sem o apoio de comentadores, que Freud está comparando ambos os tipos de estímulo, o estímulo pulsional (*Triebregung*) e o estímulo externo (*äusserer Reiz*).

D.6) A introdução das palavras “para escapar de seu raio de ação”, que não constam no texto alemão.

Novamente, se em alemão está implícito que há uma motivação para a fuga de um estímulo externo, esta se deve ao caráter intrusivo e irritativo do termo *Reiz* em alemão. Freud em outros textos utiliza a trama enfática, na qual associa ao “estímulo” (*Reiz*) expressões como “agredir o organismo”, “irritar o órgão”, “inflamá-lo” etc. Em português, ao mencionarmos que se trata de uma fuga para escapar do raio de ação do estímulo, buscamos compensar a falta de uma informação a respeito de a qual meta se refere a oração “a fuga seria um meio apropriado”. Afinal, o leitor se perguntaria: “apropriado para quê”? Testes com leitores indicaram que esse gênero de formulação é de difícil compreensão e torna a leitura muito cansativa. O tratamento que Freud deu ao texto em alemão mostra que certamente não era essa sua intenção. Preservar uma suposta pureza do texto de Freud em detrimento da compreensão não parece estar de acordo nem com o espírito que norteava Freud em sua redação nem com suas considerações sobre tradução, e também não traz vantagens para o leitor. Apenas se geram artificialmente dificuldades e um texto pouco inteligível. A tradução espanhola adotou o termo “defesa” para dar sentido à fuga, o que é uma boa solução, mas buscamos evitá-la por introduzir um conceito que Freud só introduzirá mais adiante e substituímos a falta de nexos indicando a finalidade da ação de fuga: “escapar do raio de ação dos estímulos”. Frequentemente se critica a introdução de termos adicionais alegando que, se Freud o desejasse, teria escrito tal palavra ou dado tal explicação; contudo, como estamos tentando indicar, o texto alemão de Freud não se furta a oferecer o que for necessário para manter-se claro, e quando Freud não emprega determinadas palavras é porque em alemão não fazem falta ou são redundantes; por isso, sempre que essa clareza se perde em português, não hesitamos em recuperá-la.

D.7) A introdução do termo “o sujeito”, que não consta no texto alemão

Visa a eliminar a ambigüidade da indeterminação de um sujeito gramatical (partícula “se”), no texto alemão trata-se de um indivíduo (sujeito, pessoa) que está sendo incomodado pela pulsão. Em português essa indefinição do sujeito gramatical deixa em aberto se Freud está se referindo à doutrina psicanalítica, à humanidade ou aos leitores, que ao longo do texto serão esclarecidos sobre este ponto. De qualquer modo, ainda que possa ser deduzido do que afinal se trata, transpor para outros idiomas esse gênero de formulação típica do alemão torna a leitura uma tarefa árdua, e o texto parece estranho quando comparado ao alemão. Também a versão espanhola de Ballesteros fez opção semelhante, adotando o termo “indivíduo”.

D.8) Optamos por “repúdio” em vez de “rejeição”.

Embora “rejeição” seja exatamente simétrico na sua construção a *Verwerfung* (ambos os termos se referem etimologicamente a “arremessar para longe de si”), preferimos adotar “repúdio”. Em alemão *Verwerfung* é conotativamente muito mais intenso do que “rejeitar”. “Rejeitar” pode ter um entendimento mais assemelhado a “negar”, “recusar”, “não aceitar”, ao passo que “repúdio” expressa em si uma intensa ojeriza. Freud recorrentemente emprega o termo *Verwerfung* e o verbo *verwerfen* em contextos que evocam toda a ojeriza e indignação moral do sujeito diante do conteúdo intolerável de determinadas pulsões. O termo também se refere a descartar, desqualificar e igualmente a condenar (julgar condenável), e o advérbio *verwerflich* é “condenável”/“digno de condenação”. Essas informações sobre a semântica de *verwerfen* são úteis como pistas para se perceber a ênfase que Freud dá às intensas manifestações moralistas das histéricas e dos neuróticos e à *intolerabilidade* dos conteúdos pulsionais (e não *incompatibilidade*, como tem sido inadequadamente traduzido). Cabe também comentar que o uso de *Verwerfung* aqui nada tem em comum com as passagens em que Lacan se baseou para propor a tradução por “forclusão”; lá se trata de trechos em que o termo é enfatizado nos seus aspectos de eliminação, de descarte ou “arremessar para longe de si”.

D.9) A introdução dos termos “o conteúdo da pulsão”, que não constam no texto alemão.

Visa a compensar a ausência, em português, da trama enfática equivalente que permite a Freud utilizar *Trieb* e *Triebregung* como sinônimos de “desejo”, “von-

tade”, portanto, como portadores de conteúdos temáticos; de outro modo fica estranha a formulação de que há um repúdio ou condenação a uma pulsão.

D.10) A introdução das palavras “um juízo de valor”, que não constam no texto alemão.

Novamente, trata-se de tornar os termos inteligíveis: em alemão, *Urteilsverwertung* refere-se a um juízo de valor e não a um juízo ou julgamento a respeito da verdade ou realidade. Tampouco nos pareceu que a frase construída com “rejeição de um impulso instintual baseado num julgamento” seja inteligível sem grande esforço interpretativo e cansaço do leitor, algo que está longe do estilo de Freud em alemão.

D.11) Preferimos a formulação “providência eficaz” em vez de “bom método” ou de “bom meio”.

“Bom método” de fato distorce em demasia o que é um modo de reagir e o transforma em método. Quanto a “bom meio”, esta fórmula produz o efeito “fadiga de leitura”, a que aludimos anteriormente. Trata-se de expressão compreensível em português, mas que soa inusual, não costumamos dizer “isto é um bom meio contra aquilo”, e muito menos “encontrará nisto um bom meio contra aquilo”; diríamos “fazer isto é um bom meio para conseguir aquilo”, isto é, utilizamos em geral dois verbos e não dois substantivos (não dizemos que o “sujeito encontrará na escovação dos dentes um bom meio contra a cárie”; diríamos, por exemplo, que “descobrirá que a escovação é uma providência eficaz contra a cárie”).

D.12) A adoção da conjunção “contudo”, que não consta no texto alemão.

Há aqui uma mudança temática. Freud falava do recalque como sendo um bom modo de se lidar com as pulsões, e na frase seguinte explica que se trata de um modo intermediário que sucede à fuga simples e precede a rejeição calcada sobre um juízo de valor. Em português, não fazemos esse gênero de mudança sem criar um elo. Poderiam ser diversas as opções: “e cabe ainda acrescentar que”, “entretanto”, “ademais”, etc. Embora a conjunção “contudo” indique uma restrição que pode ter cunho adversativo, ela também é empregada em nosso idioma para introduzir uma especificação de algo antes mencionado em sua generalidade. Se não introduzíssemos algum recurso que desse o ritmo mais natural do fluxo em português, geráramos mais um elemento de erosão ou fadiga de leitura, pois, embora o texto permanecesse compreensível, exigiria diversas releituras.

D.13) A introdução da formulação “situa-se entre a fuga e o repúdio condenatório”.

Aqui seguimos a mesma idéia da tradução inglesa e acrescentamos os termos que a nosso ver esclarecem algo que em alemão é percebido mais facilmente devido às pistas às quais aludimos ao comentarmos, anteriormente, as tramas que percorrem esse parágrafo.

Apesar de nossa solução ter sido compor um texto que pretende ter um grau de inteligibilidade semelhante ao seu correspondente em alemão, sabemos que, além dos limites naturais à tradução, lidamos com compromissos terminológicos mínimos. Termos como “pulsão” e “recalque” impedem uma leitura mais natural do texto. Onde foi possível, introduzimos elementos compensatórios em português explicitando o que está nítido, embora implícito em alemão. Isto nos custou sacrificar em alguns momentos a elegância própria do português, que residiria em evitar redundâncias e repetições e que nos permitiria a escolha de termos mais adequados. Também optamos por complementar os nexos que se perdem na passagem ao português com notas explicativas que podem ou não ser lidas. Certamente perdemos em fidelidade à estrutura e à palavra, perdemos a coerência do significante e finalmente não pudemos levar em conta os matizes retóricos precisos. Contudo, ao acrescentarmos elementos compensatórios, não adentramos o campo da livre reprodução poética dos sentidos ou das interpretações, mas buscamos por tentativa e erro recompor os elementos que nos parecem essenciais: o conteúdo, os nexos intra e intertextuais e um grau de inteligibilidade mais equivalente ao original.

■ V — À guisa de palavra final

Finalmente, ainda uma palavra sobre como concebemos a relação entre o texto de Freud em alemão e sua tradução. É nas discontinuidades, nas tensões e nos deslizamentos e diferenças culturais que reside talvez a maior fonte de renovação para a leitura do texto alemão. As dificuldades de tradução também introduzem aberturas e contaminam o texto de Freud com novos sentidos que potencializam seu pensamento. Evoquemos aqui exemplos que em muito enriqueceram a psicanálise, como a discontinuidade entre o francês e o alemão na tradução de *Ich* (em francês, *moi e je*), ou a tripla dissonância entre o inglês, o francês e o alemão na tradução de *Angst*, *angoisse* e *anxiety*, ou ainda a assimetria entre o português e o alemão na tradução de *Verleugnung* por “desmentido”, “renegação”, “negação” e “denegação”. Diferenciamos essas dificuldades de tradução em três níveis, que exigem o que denominamos respectivamente tradução calcada na *compreensão decodificadora*, na *interpretação problematizante* e na *compreensão decodificadora apoiada na interpretação*. Embora a compreensão decodificadora e a interpretação problematizante nem sempre possam ser distinguidas, pois em algum grau elas se interpenetram, optamos por considerá-las em separado para diferenciar determinados problemas de tradução e nossas respectivas intervenções:

1) A tradução calcada na *compreensão decodificadora* lida com aspectos objetivos e factuais. Permite fazer algumas afirmações objetivas sobre evidências textuais, por exemplo: a) que o termo *Versagung* significa “impedimento”, “proibição”; b) que *Versagung* equivale ao termo “frustração” somente quando este é utilizado na acepção de “solapar” ou “bloquear uma intenção”; e c) que se verifica empiricamente que os leitores têm demonstrado compreender o significado do termo “frustração”, no texto de Freud, na acepção de “decepção”, o que é um equívoco, já que corresponderia a outro termo alemão, *Enttäuschung*. Aqui, portanto, a leitura de *Versagung* na acepção de “decepção” não é uma questão de interpretação, mas de um mal-entendido que pode ser objetivamente esclarecido pela *compreensão decodificadora*.

2) A tradução calcada na *interpretação problematizante*, contudo, nos levaria além da decodificação do explícito. Permitiria contra-argumentar que “impedir” a realização de uma intenção implica uma subsequente “frustração” na acepção de “decepção”. Portanto, estaria autorizada uma tradução mais interpretativa que recuperaria para *Versagung* a alternativa terminológica de “frustração”. Aqui já adentramos um campo em que é preciso ir além da significação imediata e cons-

truir inferências, ou ao menos localizar em Freud um uso peculiar do termo. Esse gênero de leitura da interpretação problematizante permite ampliar e enriquecer a compreensão do texto. Termos como *Verleugnung* passaram a ser traduzidos como “denegação” ou *Verwerfung* como “preclusão” a partir desse gênero de interpretação.

3) A tradução que se utiliza da *compreensão decodificadora apoiada na interpretação* ocorre nos inúmeros casos nos quais as formulações de Freud estão pouco claras ou oferecem grandes dificuldades à tradução (não se encontram termos correspondentes adequados nos outros idiomas). Esses casos exigem uma mescla de mais informações de natureza decodificadora (por exemplo, usos em dicionários de época, terminologias específicas etc.), bem como o apoio de interpretações que propõem sentidos dedutíveis ou inferíveis, por exemplo, a tradução de termos como *Einfall* (“associação livre” ou “idéia que ocorre subitamente”), *das Es* (“Id” ou “o Isso”) ou *Trieb* (“pulsão” ou “instinto”) requer esse gênero de combinação.

Inúmeros problemas de tradução exigiram de nós uma intervenção de cunho *interpretativa*, entretanto, consideramos fundamental priorizar sempre que possível o nível da *compreensão decodificadora*.

Ao priorizarmos a compreensão decodificadora, nossa meta foi elaborar um texto suficientemente aberto e detalhado, para servir de base a diversas leituras, e, sempre que possível, em diálogo com evidências textuais do alemão. Entretanto, é preciso advertir que, a partir de certo nível, o leitor interessado em aprofundar-se terá de lançar mão do texto alemão, pois há inúmeros limites e impasses insuperáveis para a tradução.

Por fim, cabe comentar ainda que o leitor poderá encontrar em nosso trabalho diferenças com relação a soluções terminológicas adotadas por interpretações bionianas, lacanianas, kleinianas e laplanchianas. Essa postura não expressa nossa rejeição a nenhuma dessas escolas, mas apenas nosso esforço em promover uma aproximação da dimensão semântico-conceitual, justamente deixando o texto mais livre para subseqüentes construções. Contudo, não há tradução neutra, sem um viés de leitura, e, portanto, também não há um sentido unívoco do texto alemão e não há o “verdadeiro Freud”.